

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

LEYDE KLEBIA RODRIGUES DA SILVA

FONTES DE INFORMAÇÃO NA WEB:

uso e apropriação da informação como possibilidade de disseminação
e memória do Movimento Negro no Estado da Paraíba

JOÃO PESSOA

2010

LEYDE KLEBIA RODRIGUES DA SILVA

FONTES DE INFORMAÇÃO NA WEB:

uso e apropriação da informação como possibilidade de disseminação
e memória do Movimento Negro no Estado da Paraíba

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Graduação em
Biblioteconomia – Centro de Ciências Sociais
Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba
- como requisito para a obtenção do grau de
Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mirian de Albuquerque Aquino

JOÃO PESSOA

2010

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade Federal da Paraíba.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Silva, Leyde Klebia Rodrigues da

Fontes de informação na web: uso e apropriação da informação como possibilidade de disseminação e memória do Movimento Negro no Estado da Paraíba / Leyde Klebia Rodrigues da Silva. - João Pessoa, 2010.

77 f. : il.

Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Sociais Aplicadas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mirian de Albuquerque Aquino

1. Movimento Negro – Paraíba. 2. Fontes de informação – Web. 3. Tecnologias intelectuais. 4. Negro. Título.

BSE-CCHLA

CDU 323.1:025.5

LEYDE KLEBIA RODRIGUES DA SILVA

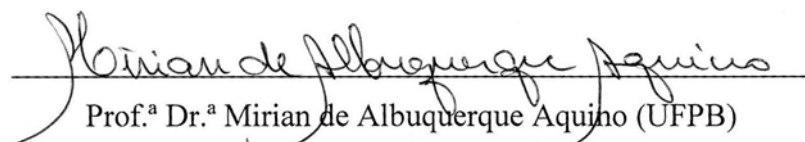
FONTES DE INFORMAÇÃO NA WEB:

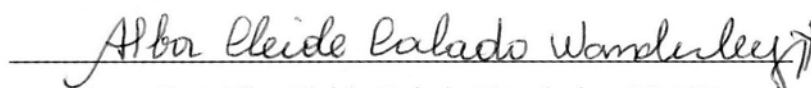
uso e apropriação da informação como possibilidade de disseminação
e memória do Movimento Negro no Estado da Paraíba

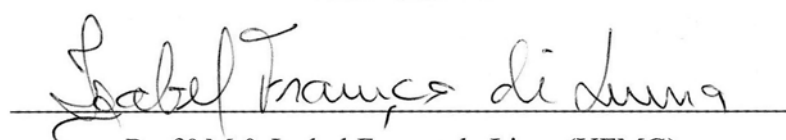
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Graduação em
Biblioteconomia – Centro de Ciências Sociais
Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba
- como requisito para a obtenção do grau de
Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em: 15 de Dezembro de 2010

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Mirian de Albuquerque Aquino (UFPB)
Orientadora


Prof.^a Dr.^a Alba Cleide Calado Wanderley (UEPB)
Examinadora


Prof.^a Ms.^a Izabel França de Lima (UFMG)
Examinadora

*Aos meus pais “Socorro e João”
(mainha e painho) que me permitiram e me
possibilitaram sonhar com essa realidade.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, Pai Todo Poderoso, Criador de todas as coisas e fonte da vida, que me leva aos caminhos mais seguros. Senhor, obrigada por me ajudar em todas as coisas, pois, sem a sua luz e o seu amor, nada eu seria.

A minha amada e doce mãe, meu porto seguro, que me conforta e acolhe em seus braços, depositando em mim todo o seu amor, sem o qual eu não teria chegado aqui hoje;

Ao meu querido pai, que sempre me ensinou o valor do “estudo”, apoiando-me e ajudando-me a trilhar os caminhos do conhecimento e, mesmo longe, continua colocando suas esperanças na minha felicidade;

À minha família (irmã/os, primas/os, tias/os), que sempre, de formas distintas, me apoiaram e acreditaram em mim;

À Prof^a. Dr^a. Mirian de Albuquerque Aquino, minha orientadora, sem cuja orientação este trabalho não teria sido possível. Obrigada por ter me acolhido, desde os passos iniciais na pesquisa científica e no curso de graduação, sempre se preocupando comigo, para que eu tivesse um bom desempenho na trajetória universitária e sucesso na vida pessoal;

Aos meus amigos e amigas, irmãos e irmãs de curso, “Ju” (Jussara Ventura), “Mindu” (Jobson Jr.), “Jobito” (Jobson Louis) e “Mi” (Michelly Cristine), que se tornaram parte da minha família e aguentaram os meus “dramas”, ensinando muito sobre amizade e companheirismo;

Aos meus amigos e colegas Ronhely, Taianny e Sérgio, dos projetos de Iniciação Científica, que sempre me ajudaram, dando-me força, compartilhando momentos bons e ruins e torcendo para que tudo desse certo;

Ao GEINCOS, grupo de estudos, que me acolheu como “um pai acolhe uma filha” e me ajudou a amadurecer na compreensão da ciência e tornar-me uma pessoa melhor;

Aos professores Márcio Bezerra e Patrícia Silva que, mais que mestres, tornaram-se meus amigos de verdade, dos quais levarei sempre os bons conselhos e os aprendizados;

Aos meus amigos “Chatubas”, Raphael Pessoa, Marcinha, Lígia, Nando, Sadraque, por também terem se tornado uma parte da minha família aqui em João Pessoa;

Aos meus amigos e amigas de Patos, minha cidade natal. Uma das coisas mais difíceis que fiz em minha vida foi me separar de vocês. Mas sei que, mesmo longe, me apoiam e me amam de verdade;

A minha turma querida do Curso de Graduação em Biblioteconomia, pelos bons momentos que passamos juntos, de aprendizado e brincadeiras. Amigos (as) e colegas que se tornaram verdadeiros profissionais, comprometidos com ética e o valor do bibliotecário;

A todos os professores que compõem o Departamento de Ciência da Informação (DCI) e a Coordenação do Curso de Graduação em Biblioteconomia (CCGB), por me apoiarem e me compreenderem nos momentos difíceis;

Aos sujeitos da pesquisa, membros/ativistas do Movimento Negro da Paraíba, por se disponibilizarem a colaborar com a realização deste trabalho;

Às Professoras, Alba Cleide Calado Wanderley e Izabel França de Lima, pela disponibilidade para participar da Banca Examinadora;

À Coordenadora da COARBI-TJ, Maria de Fátima Soares, pois, sem a sua compreensão, este trabalho não teria sido concluído no prazo estabelecido. Obrigada pela sua paciência e amizade.

À RUMF (Residência Universitária Masculina e Feminina), por ter me recebido como residente, para que pudesse estudar, vivenciar momentos maravilhosos nesta cidade e fazer grandes amigos. Desculpem-me por não ser possível registrar a numerosa lista de nomes.

A todos e a todas que, direta ou indiretamente, contribuiriam para a realização dessa etapa da minha vida, mas que não foram citados por não ser possível agradecer a tantas pessoas, em poucas páginas deste trabalho.

Penso, aliás, como vocês, que o que deve, sobretudo solicitar nossa atenção são os grandes problemas do mundo e da ciência. Mas, muitas vezes, de nada serve formular o simples projeto de dedicar-se à investigação desse ou daquele grande problema, pois nem sempre sabemos para onde devemos orientar os passos. É sempre mais racional, em um trabalho científico, mergulhar naquilo que temos diante de nós, nos objetos que se oferecem por si mesmos à nossa pesquisa, Se o fizermos com seriedade, sem idéias preconcebidas, sem expectativas exageradas, e se tivermos sorte, pode acontecer que, graças aos elos que ligam tudo a tudo, o pequeno ao grande, o trabalho que começamos sem nenhuma pretensão abra caminho ao estudo de grandes problemas
Sigmund Freud

RESUMO

Investigar como o Movimento Negro do Estado da Paraíba se apropria das fontes de informação na web e usa-as, na perspectiva de disseminação e memória dessa organização é o objetivo geral deste estudo. Entende-se que essas fontes de informação podem ser utilizadas como um canal de disseminação da informação etnicorracial e memória dos grupos socialmente invisibilizados, na atual sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem, onde o preconceito, a discriminação e o racismo fazem parte do cotidiano dos sujeitos. Especificamente, pretende-se: identificar como o Movimento Negro se apropria das fontes de informação na web; verificar como essas fontes de informação são utilizadas pelo Movimento Negro e discutir como a web pode servir como um canal de disseminação da informação etnicorracial e memória do povo negro. A metodologia do estudo é fundamentada na abordagem qualitativa, com características de discursos coletivos. Caracteriza-se como pesquisa interpretativa, de potencial descritivo e exploratório, em que foi empregada a pesquisa bibliográfica, para se discutir sobre os conceitos e a construção das categorias teóricas. O universo da pesquisa foi o Movimento Negro Organizado da Paraíba (MNOPB), e os sujeitos/participantes foram quatro integrantes vinculados a duas entidades desse movimento: o Núcleo de Estudantes Negras e Negros da UFPB (NENN/UFPB) e a Organização de Mulheres Negras na Paraíba, a BAMIDELÊ. A entrevista semiestruturada foi o instrumento empregado para a coleta dos dados, para cuja análise recorreu-se a alguns recursos da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que tem por base a Semiótica de Pierce e a Teoria das Representações Sociais. Os resultados mostraram que a ferramenta mais utilizada pelo MNOPB, para veicular as informações, é o e-mail, e o uso do blog está associado à disseminação das informações apropriadas pelo grupo. Nas considerações finais, é proposto para a entidade que se aproprie das fontes de informação na Web já utilizadas por ela, a fim de que sirvam como um espaço virtual que armazene as informações produzidas e apropriadas pelo MNOPB.

Palavras-chave: Fontes de informação na Web. Uso e apropriação. Movimento Negro da Paraíba.

ABSTRACT

To investigate how the Black Movement of Paraiba State appropriates of information sources on the web and use them with a view to spread and memory of this organization is the goal of this study. It is understood that these sources of information can be used as a channel for dissemination of information and memory etnicorracial of socially invisible, in today's information society, knowledge and learning, where prejudice, discrimination and racism are part of everyday life subjects. Specifically, it aims: to identify how the black movement appropriates the information sources on the web, see how these sources of information are used by the Black Movement and discuss how the Web can serve as a channel for dissemination of information and memory of the people etnicorracial black. The methodology is based on a qualitative approach, with characteristics of collective discourses. It is characterized as interpretative research, the descriptive and exploratory, where we used the literature, to discuss the concepts and the construction of theoretical categories. The research was organized black movement of Paraiba (MNOBP), and the subjects / participants were linked to four members of this movement two entities: the Center for Black students and Black UFPB (NENN/UFPB) and the Organization of Black Women in Paraiba, Bamidele. The semi-structured interview was the instrument used to collect data for the analysis of which appealed to some of the technical features of the Collective Subject Discourse (CSD), which is based on Pierce's Semiotics and Theory of Social Representations. The results showed that the most used tool by MNOBP, to convey the information, e-mail, and use the blog is associated with the dissemination of appropriate information by the group. In the final considerations, is proposed for the entity to appropriate sources of information on the Web already used by it in order to serve as a virtual space that stores the information produced and appropriated by MNOBP

Keywords: Information Sources on the Web. Use and Appropriation. Black Movement of Paraiba.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Ancoragem
BAMIDELÊ	Organização de Mulheres Negras na Paraíba
CI	Ciência da Informação
DSC	Discurso do Sujeito Coletivo
ECH	Expressões-Chave
GEINCOS	Grupo de Estudo Integrando Competências, Construindo Saberes, Formando Cientistas
HTTP	Protocolo de Transferência da Internet
IC	Ideia Central
MNOPB	Movimento Negro Organizado do Estado da Paraíba
MNPB	Movimento Negro da Paraíba
NENN/UFPB	Núcleo de Estudantes Negras e Negros da Universidade Federal da Paraíba
NEPIERE	Núcleo de Estudos e Pesquisas em Informação, Educação e Relações Etnicorraciais
ONG'S	Organizações Não Governamentais
WWW	World Wide Web

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 MAPA METODOLÓGICO	17
3 A IMPORTÂNCIA DAS FONTES DE INFORMAÇÃO NA SOCIEDADE DA APRENDIZAGEM	21
3.1 CONCEITUANDO AS FONTES DE INFORMAÇÃO	23
3.2 TIPOS DE FONTES DE INFORMAÇÃO	24
3.3 FONTES DE INFORMAÇÃO DA WEB	27
3.4 APROPRIAÇÃO, USO E DISSEMINAÇÃO DAS FONTES DE INFORMAÇÃO	33
3.5 FONTES DE INFORMAÇÃO COMO MEMÓRIA	36
4 DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO: UM MODO DE LER OS DISCURSOS DE ATIVISTAS DO MNO PB	39
4.1 BLOG: MODO DE APROPRIAÇÃO DA INFORMAÇÃO PELO MNO PB	44
4.2 E-MAIL: FONTE DE DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÕES NO MNO PB	47
4.3 AS FONTES DE INFORMAÇÃO ENCURTAM FRONTEIRAS E AMPLIAM A COMUNICAÇÃO	49
4.5 CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DO POVO NEGRO	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	58
APÊNDICES	66
ANEXOS	70

1 INTRODUÇÃO

O estudo propõe-se a investigar de que modo o Movimento Negro Organizado do Estado da Paraíba (MNOPB) se apropria das fontes de informação na *web* e faz uso delas, na perspectiva de disseminação da informação e memória de suas lutas e resistências históricas contra o preconceito, a discriminação, o racismo, a xenofobia¹, os machismos² e os sexismos³, que ressuscitaram com toda a força potencializada pela globalização, o avanço das tecnologias intelectuais e a produção de múltiplas identidades.

É parte também de nossas inquietações, surgidas nas experiências que tivemos em dois momentos de atuação como bolsista de iniciação científica⁴ em projetos de pesquisa⁵, intitulados “Memória da Ciência: (In) visibilidade de negros/as na produção de conhecimento da Universidade Federal da Paraíba” (Concluído) e “Processos de apropriação, organização, disseminação e democratização da informação no MNOPB” (em andamento), em que aprendemos como funciona o processo de fazer pesquisa.

Nas relações com os mestrandos e os doutorandos no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Informação, Educação e Relações Etnicorraciais (NUEPIERE) e no Grupo de Estudo “Integrando Competências, Construindo Saberes, Formando Cientistas” (GEINCOS)⁶, em que foi possível familiarizar-nos com a temática etnicorracial, participamos de discussões com a finalidade de refletir sobre a problemática do (a) negro (a), na atual sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem. Essa interação possibilitou-nos estabelecer conexões com o objeto de estudo que deu origem a esta monografia, como um dos requisitos para a conclusão do Curso de Bacharel em Biblioteconomia, e interligar a temática etnicorracial com as tecnologias intelectuais ou, mais especificamente, estudar a relação uso/apropriação de fontes de informação, no sentido da disseminação da informação e memória do MNOPB.

¹ Xenofobia é uma aversão apresentada diante do diferente, um medo excessivo e descontrolado, ao desconhecido. É um termo utilizado também para se referir a qualquer forma de preconceito, racial, grupal ou cultural (BOLAFFI, 2003).

² O machismo ou chauvinismo masculino é a crença que emprega os homens como seres superiores às mulheres.

³ Sexismo, um termo cunhado em meados do Século XX, como sendo uma crença ou atitude que um sexo é inferior, menos competente ou menos valioso do que o outro. Também pode se referir a ódio, ou prejuízo no sentido, quer o sexo como um todo, ou a aplicação de estereótipos de masculinidade em relação aos homens, ou de feminilidade em relação às mulheres.

⁴ Financiada pelo CNPq, em parceria com a UFPB, nas modalidades de PIBIC.

⁵ Desenvolvidos no período de agosto de 2008 a fevereiro de 2010 (Concluído), ambos sob a coordenação da Prof^a Dr^a Mirian de Albuquerque Aquino, do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação e Bolsista de Produtividade CNPq.

⁶ Os membros reúnem-se semanalmente no Laboratório de Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais e Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba para debates, discussões e reflexões sobre várias temáticas.

A possibilidade de tratar dessa problemática impeliu nosso olhar para questões que, antes, eram quase imperceptíveis, nas vivências como aluna de graduação, que pouco nos ajudavam a perceber sobre temas relativos à história, à ciência e à tecnologia e sobre a contribuição dos africanos com a formação da sociedade brasileira durante o período Colonial, o Império e a República. Também não entendia que a cultura da população africana foi negada durante o período do escravismo criminoso, encoberta no período da pós-abolição e perseguida, ainda hoje, na sociedade. Essa negação da cultura ainda não foi totalmente reparada nos diversos setores do nosso país, mas é celebrada por um discurso oficial, que continua afetando a visibilidade do (da) negro (a) na sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem.

Em consonância com as transformações produzidas pela globalização, pela revolução tecnológica, pelo advento das tecnologias intelectuais⁷ e pelos novos papéis assumidos pela informação e o conhecimento, nosso interesse voltou-se para questões relativas às fontes de informação na web, no sentido de saber como essas fontes podem auxiliar esses (as) protagonistas negros (as), com formação em várias áreas do conhecimento, ou não, nas atividades de informação que podem ser inerentes ao seu campo de atuação.

Essa preocupação deu origem ao objetivo geral deste estudo, qual seja: Analisar como ocorrem o uso e a apropriação das ferramentas da web pelo MNOPB, considerando que essas fontes de informação podem ser utilizadas como um canal de disseminação da informação etnicorracial e da memória dos grupos socialmente invisibilizados na atual sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem, onde o preconceito, a discriminação e o racismo fazem parte do cotidiano dos sujeitos. Especificamente, pretendemos:

- a) Identificar como o MNOPB se apropria das fontes de informação na web;
- b) Verificar como essas fontes de informação são utilizadas pelo MNOPB;
- c) Discutir como a web pode servir como um canal para disseminar a informação etnicorracial e a memória do povo negro.

Partindo dessas preocupações, surgiu a pergunta de pesquisa: Como ocorrem o uso e a apropriação das ferramentas da web, na perspectiva da disseminação da informação e memória do MNOPB?

⁷Segundo Lévy (1993), os elementos tecnológicos (computadores, TV, vídeo, datashow, entre outros) são classificados de tecnologias intelectuais, que compreendem desde a linguagem oral até os suportes informáticos mais avançados, que interagem junto com o indivíduo, mudando sua forma de pensar, de aprender e de agir no meio onde vivem. No sentido levyniano, por fazer relação com o processo cognitivo de aprender a usar as tecnologias para produzir tecnologias.

Essa questão tem como fundamento a consideração de que as áreas de Biblioteconomia e de Ciência da Informação pouco têm discutido a respeito da importância, do valor e do uso da informação pelos grupos socialmente vulneráveis. Independentemente dos suportes, a informação, desde o aparecimento da escrita até nossos dias, tem sido tema de debates e reflexões de profissionais de diversos campos do saber, mas ainda não se deu conta de que a CI, cujo objeto de estudo é a informação, por meio da qual se processam todas as suas fases, para transformá-la em conhecimento a partir de novas dinâmicas, ainda não compreendeu que os saberes não pertencem, exclusivamente, a um grupo, mas, com as tecnologias, eles pertencem à humanidade.

Pinheiro (2005) ressalta que a informação que interessa à CI pode estar presente no diálogo entre cientistas, na comunicação informal, na inovação para a indústria, na patente, na fotografia ou no objeto, no registro magnético de uma base de dados, na biblioteca virtual ou repositório. Também González de Gómez (2002, p. 25) afirma que “múltiplos são os domínios a que remete hoje o termo ‘informação’: da cognição dos textos, dos artefatos culturais, da infraestrutura”. Se a informação não está restrita a um único suporte ou a um determinado grupo, então é ético que seja democratizada.

Além disso, temos que considerar que a forte influência da internet, no cotidiano das atuais sociedades, torna-a um veículo formador de opinião na disseminação da informação e memória. Nesse sentido, urge a necessidade de uma preocupação dessa natureza na Biblioteconomia/Ciência da Informação, sobretudo, quando se percebe uma considerável gama de informações que veiculam e agregam determinados estereótipos aos grupos socialmente vulneráveis, ora de forma contundente, ora de forma amena, mas provocadora e formadora de opiniões e de conceitos equivocados, que, frequentemente, constroem, humilham e ferem a autoestima de grupos discriminados duplamente pela cor e pela pobreza.

Nessa perspectiva, uma parte dos/as pesquisadores/as passa a se preocupar mais em refletir sobre essa ferramenta como objeto de apropriação, uso, fonte de disseminação e memória, tendo como pano de fundo o avanço das tecnologias intelectuais, em diferentes formatos e campos, vez que o crescimento do setor de informação vem aumentando a produção de artefatos culturais, com a possibilidade de usar a informação digitalizada para fins educacionais, sociais e culturais.

Justificamos a nossa opção pelo meio virtual por entender que esse espaço atinge um público mais amplo, numa velocidade ainda não superada por outras formas de comunicação. Também, ao rolar pelas páginas, o indivíduo é surpreendido pela interatividade devido aos diversos recursos audiovisuais e à hipertextualidade. Nesse sentido, Cunha (1999) afirma que

a implantação da World Wide Web – WWW - e seu fenomenal crescimento possibilitaram um aumento no acesso e na recuperação da informação de maneira nunca antes imaginada.

Pressupomos que um estudo como esse possa servir como um meio para entendermos as mutações econômicas, políticas, sociais e culturais, como resultado do surgimento e da expansão das tecnologias intelectuais, cuja distribuição não conseguiu alcançar plenamente os grupos socialmente invisibilizados. Isso aumenta cada vez mais o fosso histórico que separa negros (as) e brancos (as). Perceber como esses grupos se apropriam das fontes de informação na web pode levantar discussões sobre o real papel dessas tecnologias na atual sociedade, que deveriam servir como um canal por meio do qual as barreiras e as diferenças culturais entre os povos e os indivíduos sejam amenizadas. Nessas fontes de informação, a memória armazenada supostamente seria mais acessível a esses grupos. Se comparadas com as fontes de informação tradicionais, elas podem servir como mecanismo de inclusão desses indivíduos que vivem à margem da sociedade, por não serem reconhecidos e conhecedores da própria história.

Ressalte-se que pesquisar temas sobre as relações etnicorraciais implica reconstruir a memória coletiva de um conhecimento que sirva para erradicar os preconceitos, as discriminações, os racismos, os machismos e os sexismos que submetem os/as negros/as a humilhações e os excluem dos diversos espaços sociais, seja na escola, na universidade, no trabalho ou nas relações cotidianas (AQUINO, 2009).

No âmbito científico, este estudo pretende inquietar a comunidade acadêmica, principalmente das áreas de Biblioteconomia e de Ciência da Informação, a fim de dirigir mais seu olhar para as questões que afetam a população negra, considerando que a ciência é uma prática cultural que resulta da interação dos sujeitos com os fenômenos históricos, com a finalidade de produzir conhecimento, como elemento de fundamental importância para solucionar problemas e que serve para promover a ciência e o bem-estar da humanidade (AQUINO, 2009).

O distanciamento da Biblioteconomia da temática etnicorracial pode ser justificado pela sua motivação à formação técnica, apagando de sua produção de conhecimentos a possibilidade de incorporar os que se relacionem com o sujeito, as subjetividades, os significados etc., tão necessários nesse atual contexto de complexidade.

A Biblioteconomia, por muito tempo, foi vista apenas como uma ciência extremamente técnica. Hoje, com os avanços tecnológicos e com as exigências do mundo do trabalho, temos observado que as atividades biblioteconômicas pautadas em práticas tradicionais não se incorporam mais nas reais funções do atual

profissional bibliotecário/a. A abordagem puramente prática ou pautada em métodos tradicionais, não dá conta das exigências atuais (SANTANA, 2008, p. 39).

Há, assim, uma necessidade de se atender ao seu compromisso e à sua responsabilidade ético-social de agente da informação, tanto em relação aos que produzem conhecimento no campo científico quanto aos que facilitam a disseminação desse conhecimento para indivíduos que dele necessitem, independentemente dos espaços sociais onde vivem e dos papéis que desempenham nas escolas, nas universidades, nas bibliotecas, nos centros de informação, nas Organizações não governamentais (Ongs), nos museus etc. (FREIRE, 2001).

Em relação à estrutura, o texto foi composto por cinco capítulos. Na *introdução*, apresentamos o objeto de estudo, a problemática, a justificativa e a relevância social e científica da pesquisa, explicitando como foi feita a escolha e o porquê das inquietações. Também elencamos algumas contribuições para se pesquisar esse tema, a partir dos pressupostos da Biblioteconomia e da CI, assim como as suas áreas afins; no segundo capítulo, apresentamos a metodologia da pesquisa (métodos, instrumentos), fundamentada nas bases do pensamento científico.

O terceiro capítulo - “A importância das fontes de informação na sociedade da aprendizagem” - faz uma incursão sobre os paradigmas e as abordagens dos estudiosos e dos teóricos acerca das fontes de informação, bem como conceitos, tipologia, apropriação, uso e aplicação na web e a sua importância para a sociedade da aprendizagem.

No quarto capítulo, “Discurso do Sujeito Coletivo (DSC): um modo de ler discursos de ativistas do MNOPB”, procedemos às análises dos dados obtidos por meio das falas dos coordenadores e dos membros do Movimento Negro Organizado da Paraíba – MNOPB. Ainda nesse capítulo, procuramos construir uma ligação entre as fontes de informação na web, utilizadas e apropriadas pelos sujeitos da pesquisa, e as suas reais contribuições para disseminação e memória da informação etnicorracial produzida e apreendida pelo MNOPB.

Nas “Considerações Finais”, retomamos alguns aspectos significativos da pesquisa, expondo nosso posicionamento em relação ao tema investigado e algumas recomendações e sugestões.

2 MAPA METODOLÓGICO⁸

O estudo sobre o uso e a apropriação das ferramentas da web, na perspectiva da disseminação da informação e memória do Movimento Negro Organizado do Estado da Paraíba – MNOPB, parte do princípio de que as Ciências Sociais (e Aplicadas) precisam realizar práticas efetivas e específicas que modifiquem concretamente a situação que torna os/as negros/as invisíveis (CUNHA JÚNIOR, 2005). Trilhando por essa vereda, Aquino (2009) afirma que a ciência é uma das formas de conhecimento que o homem constrói em sua interação com os fenômenos da natureza e com as práticas socioculturais, que resulta na produção do conhecimento como um instrumento de importância vital para a inclusão dos grupos socialmente invisíveis na sociedade atual.

Essa consideração de Aquino (2009) permite-nos afirmar que a ciência tem uma responsabilidade ético-social, com base em sua produção de conhecimento, e deve buscar soluções para resolver os problemas existentes na sociedade, sejam eles físicos, estruturais, sociais ou culturais. Nessa direção, optamos pela abordagem qualitativa, com características de discursos dos sujeitos coletivos, que tende a responder a questões particulares nas ciências sociais (Aplicadas), trabalhando com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que corresponde a um espaço mais aprofundado das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A abordagem qualitativa dá “[...] um novo sentido aos problemas; ela substitui a pesquisa dos fatores e determinantes pela compreensão dos significados”. Trata-se de um método que também nos incita “a repensar o estudo das necessidades socioculturais dos meios de vida” (GROULX, 2008, p. 98). Essa abordagem permite ressaltar “a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado e as limitações situacionais que influenciam a investigação” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 23). Esses autores entendem que os pesquisadores qualitativos “buscam soluções para resolver as questões que realçam o *modo* como a experiência social é criada e adquire significados” (DENZIN; LINCOLN, 2006).

A pesquisa interpretativa, associada à abordagem qualitativa, é pertinente por considerar a história, a cultura, o lugar e as comunidades do local em que se desenvolve

⁸ Este capítulo com modificações é parte da pesquisa “Processos de apropriação, organização, disseminação e democratização da informação no Movimento Negro Organizado da Paraíba”, coordenada pela pesquisadora Mirian de Albuquerque Aquino, e à qual estou vinculada como bolsista de iniciação científica das ações afirmativas na UFPB.

(CUNHA JÚNIOR, 2006; AQUINO, 2009). É também caracterizada como: a) descritiva, pois se detém em colocar “a questão dos mecanismos e dos atores (o ‘como e ‘o quê’ dos fenômenos), por meio da precisão dos detalhes. Ela fornece informações contextuais que poderão servir de base para pesquisas” mais aprofundadas (DESLAURIES; KÉRISIT, 2008, p. 130); b) e de caráter exploratório, porquanto “possibilita [ao pesquisador] familiarizar-se com as pessoas e suas preocupações” e “explorar determinadas questões [...] que, dificilmente, o pesquisador que recorre a métodos quantitativos consegue abordar” (DESLAURIES; KÉRISIT, 2008, p. 130).

Neste estudo, a técnica de pesquisa bibliográfica serve para revisar a literatura e discutir esses conceitos, visando à construção de categoria, que tem “como finalidade colocar o (a) pesquisador (a) em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre o assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritas por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas” (MARCONI; LAKATOS, 2002, p. 66). Também permite a recuperação de uma variedade de informações que têm o potencial de informar e estruturar as decisões que os (as) pesquisadores (as) tomam em suas investigações.

O universo escolhido para a pesquisa de campo foi o Movimento Negro Organizado da Paraíba – MNOPB, que é formado por um conjunto de diversas organizações negras, a saber: a) comunidades descendentes de antigos Quilombos (Caiana dos Crioulos, Zumbi, etc); b) grupos artísticos (Banda Ylê Odara, Bateria Show da Escola de Samba Malandros do Morro, Grupo de Danças Afroprimitivas, Grupos de Hip-hop); c) grupos de formação (alfabetização, reflexão, professores, intelectuais negros e outros); d) grupos de arte marcial (Badauê dos Palmares, Afronagô e outros); e) entidades de articulação e luta em defesa dos direitos da etnia negra (Movimento da Ação Negra e Agentes de Pastoral Negros); f) grupos de gênero (Mulheres Negras, BAMIDELÊ⁹, etc.); g) comunidade de Religião dos Orixás (terreiros), entre outras formas de organização (MNOPB, 2010).

Escolhemos o MNOPB por entender que os grupos integrantes dessa Organização se posicionam como porta-vozes dos (as) afrodescendentes, que obtêm a valorização da

⁹ A BAMIDELÊ - Organização de Mulheres Negras na Paraíba é uma organização não governamental, que foi fundada em 2001, composta especialmente por feministas negras, com o propósito de promover impactos sociais. Sua missão se funde com o seu projeto político de contribuir para a eliminação do racismo e do sexismo, assim como promover debates e ações que fortaleçam a identidade e a autoestima, sobretudo de mulheres negras, culminando na luta pela defesa e efetiva implantação dos Direitos Humanos em nosso país. Em 2010, lançou a Campanha Eletrônica: “No Censo 2010, afirme sua negritude. Morena não, eu sou negra!”, como parte de suas estratégias políticas de enfrentamento ao racismo e promoção da igualdade racial no estado (BAMIDELÊ, 2010).

identidade de membros socialmente marginalizados que “construíam suas significações e manifestavam seu pertencimento” (FERNANDES, 2009)¹⁰.

Os participantes da pesquisa foram quatro ativistas vinculados a duas entidades do MNOPB: o Núcleo de Estudantes Negras e Negros da UFPB - NENN/UFPB e a Organização de Mulheres Negras na Paraíba - BAMIDELÊ, particularizando, principalmente, alguns (algumas) de seus (suas) líderes, pois supúnhamos que eles (as) estariam mais familiarizados (as) e atualizados (as) acerca dos processos de uso e apropriação das fontes de informação da web, com a finalidade de disseminar e guardar a memória do MNOPB.

Após a seleção dos participantes, gravamos quatro entrevistas com o auxílio de um MP4, duas das quais foram selecionadas para análise, atentando para os seguintes critérios:

- a) O primeiro entrevistado deveria ser o Presidente da atual gestão do MNOPB, porque supúnhamos que conhecesse a fundo essa Organização, entendida como “uma organização política negra da sociedade civil que luta contra a discriminação racial e por uma sociedade etnicamente plural, multirracial e multicultural”, como líder dos movimentos de luta em prol da cultura negra na Paraíba (MNOPB, 2010);
- b) O segundo entrevistado deveria ser um membro do movimento que pudesse representar o NENN/UFPB e que fosse integrante da atual gestão do MNOPB;
- c) O terceiro entrevistado deveria ser um ativista que representasse a Bamidelê, ligada ao MNOPB, uma vez que essa entidade é referenciada como modelo de organização dentro dessa Organização e, “[...] há dez anos, pauta as questões raciais e de gênero na Paraíba através da denúncia do racismo e da afirmação da identidade negra, contribuindo para a elaboração de políticas públicas de ações afirmativas” (BAMIDELÊ, 2010);
- d) O quarto entrevistado deveria ser um ativista do MNOPB que também representasse o NENN/UFPB, visto que esse Grupo está mais perto do nosso âmbito de pesquisa e das atividades acadêmicas.

Para saber como os participantes da pesquisa se apropriam das fontes de informação na web e fazem uso delas, adotamos a entrevista semiestruturada como instrumento de coleta

¹⁰ Artigo eletrônico, sem paginação.

de dados (APÊNDICE A) em que, segundo Minayo (2005), o sujeito tem uma participação ativa e o/a pesquisador/a pode fazer perguntas adicionais para esclarecer questões que visem compreender bem mais o contexto.

A transcrição das entrevistas foi realizada após o término de cada entrevista, visando facilitar a identificação dos diálogos e do conteúdo, bem como a seleção das partes mais relevantes para a composição da análise. Essa transcrição teve como base a orientação da Análise da Conversação apresentada por Marcuschi (1986).

3 A IMPORTÂNCIA DAS FONTES DE INFORMAÇÃO NA SOCIEDADE DA APRENDIZAGEM

A atual sociedade vem passando por momentos significativos e conflitantes, do ponto de vista da aprendizagem. Por um lado, cresce o número de pessoas com dificuldades de aprender os saberes que essa sociedade exige delas; por outro, as novas formas de aprendizagem vêm sendo apresentadas de modo que é possível escolher com quais mecanismos melhor aprendemos (POZO, 2008). Trata-se da sociedade da aprendizagem entendida como aquela que tem “a aprendizagem como processo fundante para vida inteira” (AQUINO, 2005), ou seja, viver em “estado de aprendizagem”, em que os sujeitos têm sido convocados para transmitir cada vez mais saberes evolutivos e adaptados (DELORS, 1999) a essa sociedade.

Para Delors (1999), a transmissão desses saberes é base para as competências do futuro, a exercitação de habilidades e as referências que orientem os sujeitos para projetos de desenvolvimentos individuais e coletivos, sem que se acumule uma determinada quantidade de conhecimentos e nela se estacione, pois “o mundo está mudando rapidamente, imerso em um mar de competição global, em que as inovações surgem em um ritmo veloz e se tornam obsoletas na mesma velocidade” (CARVALHO, 2009, p. 1).

Moore (1999) ressalta que a “necessidade de se criar uma sociedade do aprendizado sem dúvida revolucionou a nossa capacidade de realizar a educação, graças a meios que ontem eram impensáveis” (MOORE, 1999, p. 102-103) e nos alerta para a importância da educação que deve ser firmada na sociedade da aprendizagem e concebida como espaço de democratização da informação e forma de exercício da cidadania. Sob seu ponto de vista, democratizar a informação é essencial aos coletivos humanos, pois dela necessitamos para fazer valerem nossos direitos nos serviços públicos. Essa necessidade de informação para o exercício da cidadania extrapola a dimensão do direito às informações governamentais, que deve incluir o acesso a todas as informações úteis para fazer valerem os direitos civis (MOORE, 1999).

O exponencial crescimento da indústria de informação é imprescindível não apenas por alavancar a economia e o desenvolvimento dos países, para que os sujeitos se coloquem para além das sociedades da informação, mas também por incorporar as transformações na gestão do trabalho e na reestruturação do modo de produção, modificando os perfis de profissões convencionais, com a inclusão das atividades dos (as) bibliotecários (as), cientistas

da informação, arquivistas e editores, bem como dos profissionais das áreas de Direito e de Medicina. Esse autor chama a atenção dos poderes públicos para começarem a perceber que podem modificar a inadequada forma de trabalhar a saúde, a educação e a informação nas práticas sociais contemporâneas (MOORE, 1999).

Não é mais possível desconhecer que a imprensa tornou possíveis novas formas de ler, que significaram uma mudança na cultura da aprendizagem (POZO, 2001), e que as tecnologias intelectuais estão criando e recriando novas formas de distribuir socialmente o conhecimento, fazendo surgir uma nova cultura da aprendizagem que a escola/universidade não pode ou, pelo menos, não deve ignorar nem deixar de explorar.

A informação cada vez mais passa a ser objeto de consumo na sociedade do capitalismo informacional¹¹, arraigada por um consumismo que atinge também o conhecimento. Quanto mais informação mais conhecimento e quanto mais conhecimento maior será o poder de um indivíduo sobre o outro. Contudo, entendemos a informação como “um instrumento modificador da consciência do indivíduo e de seu grupo social”, que “produz conhecimento, modifica o estoque mental de saber do indivíduo e traz benefícios para seu desenvolvimento e para o bem-estar da sociedade em que ele vive” (BARRETO, 2002, p. 49).

A informatização do conhecimento tornou os saberes mais acessíveis ao tornar mais horizontais e menos seletivos a produção e o acesso ao conhecimento (POZO, 2008). Hoje, qualquer pessoa informaticamente alfabetizada - os chamados “nativos digitais¹²” - pode criar sua própria página *web* e divulgar suas ideias ou acessar as de outros, visto que não é preciso ter uma editora para publicá-las. No entanto, para desvendar esse conhecimento, dialogar com ele e não, simplesmente, deixar-se invadir ou inundar por tal fluxo informativo, exigem-se maiores capacidades ou competências cognitivas dos leitores dessas novas fontes de informação, cujo principal veículo continua sendo a palavra escrita, embora não seja mais impressa.

Compreendemos que o conhecimento não existe se não houver uma fonte, uma origem de informação que forneça subsídios para sua construção. Na literatura e durante todo o

¹¹ É o capitalismo informacional, que consta com a produtividade promovida pela inovação e a competitividade voltada para a globalização a fim de gerar riqueza e apropriá-la de forma seletiva, inserido na cultura e é equipado pela tecnologia (CASTELLS, 1999).

¹² Um nativo digital é aquele que nasceu e cresceu com as tecnologias digitais presentes em sua vivência (ex: videogames, Internet, telefone celular, MP3, iPod, etc.). São Caracterizados, principalmente, por não necessitar do uso de papel nas tarefas desempenhadas com o computador. Historicamente, refere-se às pessoas nascidas a partir da década de 1970 e, mais tarde, na Era da Informação, que teve início nessa década, atingindo aqueles que, sobretudo, cresceram com as tecnologias do Século XXI (LIMA, 2009).

processo histórico do desenvolvimento do conhecimento, o homem dependeu das fontes de informação, que se transformaram e continuam se transformando até hoje, adquirindo novas formas e se moldando em novos espaços. O grande avanço das tecnologias intelectuais potencializou o surgimento, cada vez mais rápido e mutável, das fontes de informação, sobretudo no que se refere à grande rede *web* (SALES; ALMEIDA, 2007).

Devido ao aumento exponencial do uso dessas tecnologias, que hoje não vemos mais como novas, os espaços tradicionais de aprendizagem já não são considerados a primeira fonte de conhecimento para os estudantes e, por vezes, nem a principal, em muitos âmbitos.

As ‘primícias’ informativas reservadas à escola hoje são muito poucas. Dado que a escola já não pode proporcionar toda a informação relevante, porque essa é muito mais volátil e flexível que a própria escola, o que se pode fazer é formar os alunos para terem acesso e darem sentido à informação, proporcionando-lhes capacidades de aprendizagem que lhes permitam uma assimilação crítica da informação (POZO; POSTIGO, 2000; POZO, 2008, p. 2).

Participar da formação de cidadãos para uma sociedade aberta e democrática e, ainda, formá-los para abrir e democratizar a sociedade requer capacidades de aprendizagem e modo de pensamento que lhes permitam utilizar estrategicamente a informação que recebem e que flui de maneira preocupante, em muitos espaços sociais, para convertê-la em um conhecimento verdadeiro (POZO, 2003).

As fontes de informação, por sua vez, são responsáveis por carregá-la e armazená-la, para que seja uma agente formadora e transformadora de opiniões na sociedade da aprendizagem.

3.1 CONCEITUANDO AS FONTES DE INFORMAÇÃO

A existência de fontes de informação é datada desde épocas remotas. Elas vão desde as “paredes das cavernas”, que serviam para carregar e armazenar as informações sobre a civilização primitiva, passam pelas “tábuas da lei”, em que Moisés transportou as informações sobre os mandamentos de Deus para o seu povo, até chegar ao “livro”, na Antiguidade, que sofreu mudanças até alcançar o modelo que conhecemos e utilizamos nos dias atuais¹³. Alguns autores justificam essa afirmação, tomando como base que

¹³ Atualmente, discute-se muito acerca do E-book, um livro eletrônico ou digital, que se caracteriza por ser um texto e imagem baseada em publicação, em formato digital legível em computadores ou outros dispositivos digitais. Segundo Benício (2003, p. 47), “possibilita uma maneira mais simples de compor e disponibilizar um livro para o leitor”.

a informação dever ser ordenada, estruturada ou contida de alguma forma, senão permanecerá amorfa e inutilizável [...]. A informação dever ser representada para nós de alguma forma, e transmitida por algum tipo de canal (MCGARRY, 1999, p. 11).

Ainda corroborando com as ideias desse autor, entendemos que “não basta apenas ser capaz de armazenar informação fora do cérebro; ela deve ser armazenada de modo organizado para que se possa voltar a utilizá-la” (MCGARRY, 1999, p. 111). Todo conhecimento advém de uma fonte de informação. Sendo assim, “para criar um novo conhecimento, é imprescindível que este seja embasado por outro conhecimento já existente e devidamente comunicado em alguma fonte de informação, seja ela oral, escrita ou áudio-visual” (SALES; ALMEIDA, 2007, p. 72).

Muitos termos são destinados, semanticamente, às “fontes de informação”. Tanto na Biblioteconomia quanto na Ciência da Informação, é perceptível a semelhança entre conceitos e a polissemia de outros. Para evitar confusão em torno dos termos, perguntamos: Qual a forma apropriada: fontes documentais, fontes de informação ou recursos informacionais?

Cunha (2001) responde sobre essa dúvida quando afirma que fonte de informação é o mesmo que documento. Ele enfatiza que esse conceito é muito amplo, pois abrange manuscritos e publicações impressas, além de objetos como amostras minerais, obras de arte ou peças musicológicas. Entendemos fonte de informação como qualquer recurso que responda a uma demanda de informação por parte dos usuários, que gere ou veicule informação, incluindo produtos e serviços de informação, pessoas ou rede de pessoas, programas de computador etc. e influencie na geração do conhecimento e do aprendizado.

3.2 TIPOS DE FONTES DE INFORMAÇÃO

As fontes de informação podem ser classificadas como formais e informais. A busca e o acesso à informação levam ao uso de fontes que circulem de maneira informal ou formal. As fontes informais, como o próprio nome revela, dispensam a formalidade de seu registro. Elas são representadas e exemplificadas através de contatos pessoais, cartas, comunicações orais e mensagens eletrônicas, que caracterizam a comunicação informal entre pares de uma mesma área da ciência. Todavia, as fontes formais são as “que confirmam qualquer conhecimento que permitam ser incluídas numa determinada compilação bibliográfica” (CUNHA, 2001, p. 8).

Durante muito tempo, as fontes de informação formais foram associadas ao formato impresso - dicionários, enciclopédias, manuais, livros, catálogos, periódicos, relatórios, teses, dissertações, normas técnicas, entre outras. Com o avanço das tecnologias, que se instalavam e se aperfeiçoavam rapidamente no meio acadêmico, pudemos observar a migração do formato impresso para o formato multimídia.

Para Meadows (1999), as fontes de informação formais (livros e periódicos) têm uma existência duradoura e dependem basicamente da visão. Nesse sentido, observa-se a necessidade de uma boa estrutura do veículo de comunicação através da legibilidade do texto. Destaca, ainda, o autor que a maior parte da informação falada é informal. Por outro lado, as fontes de informação formais ficam disponíveis, por longos períodos de tempo, para um público amplo. Essas fontes de informação dividem-se em primárias, secundárias e terciárias.

Cunha (2001), autor de “Ciência e Tecnologia”, e Mueller (2000), de “Comunicação Científica”, apresentam-nas de maneira distinta. Em alguns momentos, elas parecem pertencer ao mesmo grupo de divisão, em outros, ganham característica que as fazem migrar a outro grupo de classificação.

As fontes de informação primárias, segundo Cunha (2001), são as consideradas como novas informações ou novas interpretações de ideias e/ou fatos acontecidos que, segundo Mueller (2000), são produzidas com a interferência direta do autor da pesquisa no momento da publicação e no corpo do conhecimento científico e tecnológico (congressos, conferências, legislações, nomes e marcas, normas técnicas, patentes, periódicos, projetos e pesquisas em andamento, relatórios técnicos, teses, dissertações e traduções). Contudo, as fontes secundárias contêm informações sobre documentos primários que guiam o leitor (ex: bases de dados, bancos de dados, bibliografias, biografias, catálogos de bibliotecas, dicionários, enciclopédias, tabelas, revisões da literatura, tratados, certas monografias e livros-texto, internet, anuários e outras manuais,) (CUNHA, 2001). Essas fontes secundárias apresentam a informação filtrada e organizada de acordo com um arranjo definido, dependendo de sua finalidade (MUELLER, 2000).

As fontes de informação terciárias são sinalizadoras de localização ou indicadoras sobre os documentos primários e secundários (ex: bibliografias de bibliografia, bibliotecas, centros de informação, diretórios de bibliografias, os serviços de indexação e resumos, os catálogos coletivos, os guias de literatura, os diretórios e outras) (CUNHA, 2001). Essas fontes têm a função de guiar o usuário para as fontes primárias e secundárias (MUELLER, 2000).

Em relação às informações informais, Bastos Júnior (2000, p. 8) refere que elas correspondem ao “presente ou a um futuro próximo”. São aquelas pouco estruturadas e organizadas, sem divulgação sistemática. As fontes de informação informal são utilizadas pela comunicação informal e incluem, normalmente, comunicações de caráter mais pessoal ou que se referem à pesquisa ainda não concluída, tais como comunicação de pesquisa em andamento, certos trabalhos de congressos e outras com características semelhantes (CAMPELLO; CENDÓN; KREMER, 2000). A comunicação informal apresenta, ainda, estas características:

É de fácil acesso, resposta imediata; conduz informação sobre pesquisas em andamento ou até em estágio de ideia; fertilização cruzada entre pesquisadores; evita duplicação de esforços desnecessários; feedback instantâneo, minimizando ruído e permitindo crítica construtiva; orientada para o usuário, minimiza barreiras de comunicação (jargão); permite tradução eficaz dos resultados da pesquisa para o contexto e terminologia daqueles que possam aplicá-los; dissemina informação que, de modo geral, não seria encontrada nos canais formais, ex: dados sobre trabalho em fase piloto e dados sobre esforços que não tenham tido sucesso; requer pouco esforço e baixo gasto de tempo; dissemina ideias ainda em estágio embrionário (ARAÚJO, 1979, p. 81).

Mueller (2000) ressalta que as fontes de informação informais são, geralmente, utilizadas no início de uma pesquisa, ou seja, o próprio pesquisador escolhe, sendo que a informação veiculada é recente e destinada a públicos restritos, com acesso limitado.

Com o desenvolvimento das tecnologias intelectuais, especialmente na web, os modelos, isto é, os parâmetros adotados pelas fontes de informação disponíveis vêm se modificando, ampliando e diversificando, tornando-se cada vez mais “eficientes, rápidas e abrangentes, vencendo barreiras geográficas, hierárquicas e financeiras” (CAMPELLO; CENDÓN; KREMER, 2000, p. 23). Tais mudanças estão ocorrendo tanto no âmbito das informações informais quanto das formais.

De acordo com Silva e Tomaél (2004, p. 14), a informação em formato multimídia é a “comunicação da informação por múltiplos meios, a saber: ‘textos, imagens, sons, filmes, animações, cheiros, sabores, diversas características detectadas pelo tato, etc.’”. Os autores acrescentam (2004) que, com a evolução dos suportes que carregam a informação, os (as) pesquisadores (as) encontraram vários meios de transmitir suas pesquisas em tempo real, por meio da *web*, fato que antes era inviável através dos meios tradicionais. A partir de agora, trataremos de abordar as questões que apreciem as fontes de informação disponíveis e utilizadas na web.

3.3 FONTES DE INFORMAÇÃO DA WEB

Na sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem, as tecnologias intelectuais têm ocupado um papel de destaque e resultam de um processo histórico de avanços científicos e da articulação de fatores econômicos, políticos e sociais que, numa visão antropológica, contribuíram para o surgimento de novos modos de pensar, conhecer e agir de homens e mulheres em um mundo que se insere, gradativamente, num processo de interconexão, sem qualquer correspondência na história da humanidade. Ela é parte essencial da cultura intelectual contemporânea.

A evolução dessas tecnologias, como entende Lèvy (1993), pode ser compreendida a partir de três momentos da história da humanidade: a oralidade, a escrita e o digital. Na sociedade oral, o homem era uma espécie de memória viva, que armazenava as informações consideradas relevantes para um determinado grupo de indivíduos, e as tradições eram perpetuadas de geração a geração por meio da oralidade.

O advento da escrita caracteriza o segundo momento em que os acontecimentos e as descobertas marcantes de nossa história passaram a ser registrados em documentos, a fim de se preservar nossa memória, desde as pinturas rupestres até os signos e as letras. Essa fase foi marcante para a constituição do terceiro momento, pois, com o registro escrito da informação, foi possível formular teorias em várias áreas do saber, além de cálculos indispensáveis aos primeiros testes e experiências científicas, ratificando o processo de expansão das tecnologias intelectuais, segundo a terminologia utilizada por Lèvy (1993).

Esse último momento da evolução, o digital, supõe um olhar mais cuidadoso das áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação, em relação aos suportes informáticos produzidos e usados nesse novo paradigma informacional. A cultura digital materializada em disquetes, CD's, cartão de memória, pendrive, mp3 players e suas sequências, iPOD, palms, sites, blogs, microblogs, redes sociais, portais e outros dispositivos de memória, conjuntamente com os meios tradicionais em suporte de papel (livros, periódicos, entre outros), precisa ser catalogada e armazenada nas bibliotecas, considerando-se a biblioteca não apenas como um espaço físico, mas como um espaço (digital, virtual, eletrônico ou físico), onde se armazenam as informações, onde possam ser recuperadas, de maneira sistemática, de modo a permitir o acesso e a transmissão de informação, possibilitando a construção de novos conhecimentos.

Dentro desse terceiro momento da evolução, em se tratando da comunicação da informação no meio digital, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação reconhecem na rede as fontes informais (ex: correio eletrônico, grupos de discussão, conferências eletrônicas) e as fontes formais, subdivididas também como documentos eletrônicos primários (periódicos, livros, teses), secundários (dicionários, enciclopédias, almanaques) e terciários (índices, abstracts, catálogos on-line), compostos ou gerados a partir de fontes impressas. Entretanto, as novas fontes de informação, que surgem absolutamente independentes da fonte impressa, carecem ainda de denominação e classificação, caso isso seja realmente necessário no espaço virtual.

Algumas dessas fontes caracterizam-se por uma mixagem de fontes primárias, secundárias e terciárias; outras fogem completamente a qualquer classificação prévia, porque são resultados do dinamismo no *design* característico da Internet. “Nenhuma tecnologia da informação teve impacto tão forte nos profissionais da informação como a Internet” (TOMAÉL et al., 2000, p. 5), que vai mudando as funções, os paradigmas e a cultura da biblioteca e dos bibliotecários. A rede é a “biblioteca centrada no usuário” enquanto devir. Aquela que, muitas vezes, não passava de retórica, vai sendo, ainda que no imaginário, imposta pela Web (TOMAÉL et al., 2000, p. 5).

A rápida evolução dos sistemas de informação e comunicação provocou alterações significativas no comportamento das unidades de informação, desenhadas, basicamente, para recolher e armazenar o suporte tradicional. Por outro lado, questões relativas ao material impresso, há muito solucionadas ou de fácil administração pelas unidades de informação, vêm agora à tona, devido à complexidade de questões impostas pela Internet: volatilidade, abertura, mutabilidade, dinamismo espaço-temporal. Assim, para se consultarem documentos eletrônicos disponíveis na rede, é preciso uma seleção criteriosa, que é sobremaneira importante (TOMAÉL et al., 2000), a saber:

- *Informações cadastrais* – identificam-se a instituição e a fonte, como: nome, URL, e-mail, título e objetivos da fonte, entre outros;
- *Consistência das informações* – detalham-se as informações que a fonte fornece, para analisar a completeza, verificando se desenvolve ou apresenta dados mais específicos;
- *Confiabilidade das informações* – analisa-se a responsabilidade do produtor da fonte, que deve ser reconhecido como autoridade no assunto. Foram coletados dados relativos à autoria, ao setor responsável, à data de atualização, entre outros;

- *Adequação da fonte* – verifica-se a adequação da fonte em relação ao site, da linguagem aos objetivos, e o nível do tratamento do assunto;
- *Links* – observa-se se esses recursos complementam as informações e se são constantemente revisados. Foram arrolados nesse critério os tipos de links e sua atualização (se apontam para sites/informações que estão disponíveis). Para isso, foram verificados, no mínimo, cinco links;
- *Facilidade de uso* – analisa-se a facilidade de explorar o documento, como: a quantidade de clics do site à fonte e da fonte à informação; os recursos utilizados para encontrar a informação: CGI, lógica booleana, links, índice, entre outros; e os que a fonte dispõe para auxiliar na pesquisa: tesouros, listas, glossários, mapa do site/fonte, manuais, entre outros;
- *Mídias utilizadas* – verifica-se a coerência entre os vários recursos utilizados, tais como: quantidade de mídias, qualidade do texto e da imagem (nitidez, tamanho da letra/imagem);
- *Restrições percebidas* – observam-se aspectos que, de alguma forma, restringem o uso, como: quantidade permitida de acessos simultâneos, custo de acesso, mensagens de erro, entre outros;
- *Suporte ao usuário* – verifica-se se a fonte traz informações que permitem o contato com seu produtor (e-mail), informações de ajuda na interface (help) e outras.

Os efeitos das tecnologias intelectuais têm alta penetrabilidade porque a informação é parte integrante de toda atividade humana, individual ou coletiva e, portanto, todas essas atividades tendem a ser afetadas diretamente pelas tecnologias (WERTHEIN, 2000).

Entre essas tecnologias, a internet é um conjunto de inúmeras redes de computadores, conectadas entre si, em cuja infraestrutura trafega grande volume de informações e outros serviços. Deve servir com um canal de acesso irrestrito e ilimitado à informação, onde haja a participação de todos, a fim de que possamos criar uma sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem. Isso, porém, deve ser feito com consciência ética, legal e societária para a construção global e justa, que acabe com os preconceitos baseados nas diferenças e na exclusão das barreiras culturais que tanto atingem a sociedade. O uso desse meio de comunicação rompe barreiras que separam seus usuários e promove a comunicação entre eles.

Na área de Biblioteconomia, muito vem sendo discutido acerca da segunda geração da *web*, a Web 2.0, uma evolução da internet com novas funções e usos. Esse termo foi criado em 2004, pela empresa estadunidense, *O'Reilly Media*¹⁴, para designar uma segunda geração de comunidades e de serviços, tendo como conceito a "Web como plataforma", envolvendo *wikis*, aplicativos baseados em *folksonomia*, redes sociais e tecnologias.

Em seus trabalhos, Brito e Silva (2009) esclarece mais sobre a *Web 2.0*, a partir da visão de autores, quando afirmam que a Web 2.0 é considerada como potencializadora das formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de expandir os espaços para interação entre os participantes do processo. Do mesmo modo, esclarecem que a *Web 2.0* é um ambiente que proporciona a criação de espaços mais interativos, onde os usuários podem modificar conteúdos e criar novos ambientes hipertextuais.

Não pretendemos, aqui, abordar as questões que tratam dessa segunda geração da *web*, mas ela é necessária por explicar algumas modificações sofridas nas suas fontes de informação, antes estáticas, do ponto de vista do usuário, pois não era possível proporcionar a interatividade pela qual se tornou possível com a chegada da Web 2.0. Exemplificando essas fontes de informação da web, destacamos: sites, *websites*, portais, *blogs*, *microblogs*, *youtube*, redes sociais (*orkut*, *facebook*, *ning*, *linkedin*, entre outras), grupos de discussão, buscadores e metabuscadores.

Os sites e os *websites* são um conjunto de páginas *web*, isto é, de hipertextos acessíveis, geralmente, pelo protocolo de transferência da internet - o HTTP. O conjunto de todos os sites públicos existentes compõe a *World Wide Web* - WWW. Um site normalmente é o trabalho de um único indivíduo, empresa ou organização ou é dedicado a um tópico ou propósito em particular. É difícil dizer com clareza até onde vai um site, devido à natureza de hipertexto da Web. Os sites podem ter vários propósitos: institucional, informacional, de aplicativos, armazenagem de informações, comunitários e portais (GONÇALVES, 2006).

Já os portais são tipos de site que congregam conteúdos de diversos tipos entre os demais (áudio, vídeo, imagem, texto etc.), geralmente fornecidos por uma mesma empresa/instituição/entidade responsável. Recebem esse nome por congregarem a maioria dos serviços da Internet em um mesmo local. Segundo Dias (2001), essa fonte de informação da Web é um aplicativo capaz de proporcionar aos usuários apenas um ponto de acesso a qualquer informação necessária. Um recurso tecnológico que fornece acesso versátil,

¹⁴ É uma companhia de mídia (editora) americana, criada por Tim O'Reilly, que publica livros e websites e organiza conferências sobre temas de informática (WIKIPÉDIA, 2010).

configurável e personalizado, baseado no interesse e preferências de cada indivíduo (GOUVEIA; OLIVEIRA; VARAJÃO, 2007).

A palavra blog é uma abreviação de *web log*, uma espécie de *diário web*, cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados artigos ou *posts*. De acordo com Barros (2006), os blogs podem apresentar as seguintes características: *personalização*, pois foram desenvolvidos para ser utilizados por uma única pessoa, expressando personalidade individual, apesar de, em algumas vezes, também serem usados para colaboração entre diversas pessoas; são *baseados na Web*, visto que podem ser frequentemente atualizados, são fáceis de manter e acessíveis em qualquer computador ou aparelho com conexão à Internet; são *automatizados*, devido as suas ferramentas de publicação auxiliarem o autor - “blogueiro”- a apresentar suas palavras de forma atrativa; *criam comunidades*, porque podem fazer ligações entre si, permitindo a troca de ideias e estimulando a geração e o compartilhamento do conhecimento. Os blogs são de fácil criação, possibilitam a inserção de comentários, de figuras, imagens, fotos, vídeos, entre outros, e a maioria dos provedores que os disponibilizam são gratuitos.

Os microblogs são considerados pela maioria dos que os utilizam como ferramentas de blogs em um formato mais simples e voltados para postagens com limitações de tamanho, quase sempre, associadas à ideia de mobilidade (ZAGO, 2008). Um microblog parte da ideia de um blog (atualizações em ordem cronológica inversa, possibilidade de comentários), mas apresenta como particularidade o fato de que é adaptado para postagens de tamanho reduzido. Zago (2008) acredita que essa ideia é para que haja uma maior facilidade de integração com outras ferramentas digitais, como celular e outros dispositivos móveis. Nesse contexto de publicação rápida, os microblogs acabam sendo uma fonte de informação mais ágil do que os próprios blogs, na cobertura de acontecimentos.

Ao pesquisar sobre o Youtube, percebemos que essa é uma fonte de informação da web, que permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital. Eles podem ser considerados fontes de informação inovadoras. No ambiente das novas configurações midiáticas essas possibilidades de comunicação inovadoras são muito discutidas (FRIGERI, 2009). O material encontrado no Youtube pode ser disponibilizado em blogs, sites, redes sociais e outras páginas pessoais, através de mecanismos desenvolvidos pelo site. Para Meneses (et al., 2010), o Youtube pode ser uma ferramenta que auxilia na formação educacional, a partir do momento em que ela democratiza o acesso à informação e ao conhecimento em meio online, como fonte importante para a educação/formação/instrução a distância.

As redes sociais (Orkut, Facebook, Ning, LinkedIn, entre outras) são uma forma de representar as relações humanas. Por meio delas, as pessoas que têm interesses em comum podem compartilhar ideias. Atualmente, com os avanços das tecnologias intelectuais, essas ferramentas de comunicação proporcionam uma atualização rápida e muitas maneiras de as ideias serem divulgadas, mesmo que as pessoas estejam a milhares de quilômetros umas das outras. Por meio dessas redes, elas podem descobrir *seus amigos e os amigos dos amigos* para expandir suas redes. Na verdade, o seu objetivo inicial era ser um lugar mais seguro e mais rápido para conhecer novas pessoas do que na vida real (ARAÚJO et al, 2010).

Atualmente, existem vários tipos de redes sociais: das mais populares, como o *Orkut*, o *Facebook*, o *MySpace*, entre outras, até as mais voltadas para a área profissional, como o *LinkedIn* e o *Ning*. As redes sociais também colaboram para a democratização da informação, partindo do pressuposto de que elas são canais, onde é permitido expressarmos sobre os mais diversos temas, e qualquer usuário da rede pode expor ou abordar temas, opiniões, pensamentos, valores e atitudes sobre um assunto de seu interesse. O avanço das redes sociais perpassa as relações pessoais e atinge também os âmbitos organizacional, social, político e científico.

Os Grupos de Discussão ou Comunidades Virtuais são um espaço virtual para o compartilhamento de informações que permite a um grupo de pessoas trocar mensagens via e-mail com todos os membros do grupo. Castells (1999) entende as comunidades virtuais como uma rede eletrônica de comunicação interativa autodefinida e organizada em torno de um interesse ou finalidade compartilhados, embora, algumas vezes, a própria comunicação se transforme no objetivo.

Uma das principais vantagens do grupo de discussão é o fato de a comunicação ser assíncrona, dispensando os participantes de estarem reunidos ao mesmo tempo em um mesmo local (SCHMIT; ROLT, 2010). O envio automático de mensagens para os participantes é outra vantagem, que caracteriza um processo ativo de comunicação, através da qual a mensagem vai até o interessado.

Os buscadores e os metabuscadores são motores de busca. O buscador é um programa feito para auxiliar a procura de informações armazenadas na rede mundial (WWW), a Internet. Ex: *Google*, *Yahoo* e *Altavista*. Os metabuscadores são sistemas que realizam buscas em outros sistemas de busca em paralelo, apresentando os resultados. Esses sistemas não mantêm um banco de dados próprio, ao contrário dos buscadores, em que cada sistema utiliza o seu banco de dados, e as unidades de informação, em que cada uma dispõe do seu acervo como fonte para as pesquisas desenvolvidas pelos seus usuários.

O potencial de aplicação das ferramentas de busca online é alto e necessário no contexto dinâmico de nossa sociedade da informação e do conhecimento. Podemos comparar, de forma bem superficial, essas *fontes de informação terciárias* com os sinalizadores de localização ou indicadores sobre os documentos primários e secundários, tendo como função guiar o usuário até a fonte desejada.

3.4 APROPRIAÇÃO, USO E DISSEMINAÇÃO DAS FONTES DE INFORMAÇÃO

Iniciamos essa discussão com a definição do termo apropriação, que é o “ato de apropriar ou apropriar-se, acomodação, adaptação, tomar para si; apossar-se” (DICIONÁRIO... 2010). Estudando a noção de apropriação, Serfaty-Garzon (2003 apud PERROTTI; PIERRUCINI, 2007, p. 27) afirma que esse termo,

[...] veicula duas ideias dominantes. De uma parte a de adaptação de alguma coisa a um uso definido ou a uma destinação precisa; de outra, decorrente da primeira, a de ação visando a tornar alguma coisa sua. Nesse sentido, a apropriação não é possível senão em relação a qualquer coisa que pode ser atribuída e, enquanto tal pode, ao mesmo tempo, servir de suporte à intervenção humana e ser possuída. Todavia, a propriedade aqui é [também] de ordem moral psicológica, afetiva. [...] A apropriação é, desse modo, ao mesmo tempo, uma tomada do objeto e uma dinâmica de ação sobre o mundo material e social com uma intenção de construção do sujeito.

Outro autor que também apresenta o conceito de apropriação é Roger Chartier (1999, p. 77). Segundo ele, “apropriar-se é transformar o que se recebe em algo próprio, é produzir um ato de diferenciação que se contrapõe a qualquer tentativa rígida imposta [...], é atividade de invenção, produção de significados” (CHARTIER, 1995, p. 6). Em sua obra, “A história cultural”, ele coloca a apropriação como um processo entre o texto¹⁵ e o sujeito que lê, como uma “teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma nova forma de compreensão de si próprio e do mundo” (CHARTIER, 1990, p. 187).

Chartier esclarece que os agenciamentos discursivos e as categorias que os fundam, como os sistemas de classificação, os critérios de recorte e os modos de se representar, não se reduzem absolutamente às ideias que enunciam ou aos temas que contêm, mas têm sua lógica

¹⁵ Aqui entendemos o *texto*, no seu sentido mais amplo, seja ele, obras literárias ou extraliterárias, artísticas e não artísticas, impresso ou digital.

própria e uma lógica que pode muito bem ser contraditória, em seus efeitos, como letra da mensagem,

[...] que enfatiza a pluralidade dos usos e dos entendimentos, se afasta, de saída, do sentido dado ao conceito por Michel Foucault quando coloca ‘a apropriação social dos discursos’ como um dos mais importantes procedimentos por meio dos quais os discursos são dominados e confiscados pelas instituições ou pelos grupos que se arrogam o direito de exercer um controle exclusivo sobre eles. Ele também se afasta do sentido que a hermenêutica dá à apropriação, quando a representa como o momento em que a ‘aplicação’ de uma configuração narrativa particular à situação do sujeito transforma, pela interpretação, a compreensão que esse tem de si mesmo e do mundo, transformando assim, também, sua experiência fenomenológica tida como universal. A apropriação tal como entendemos, visa a elaboração de uma história social dos usos e das interpretações, relacionados às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os constroem. Prestar, assim, atenção às condições e aos processos que muito concretamente são portadores das operações de produção de sentido, significa reconhecer, em oposição à antiga história intelectual, que nem as ideias nem as interpretações são desencarnadas, e que, contrariamente ao que colocam os pensamentos universalizantes, as categorias dadas como invariantes, sejam elas fenomenológicas ou filosóficas, devem ser pensadas em função da descontinuidade das trajetórias históricas (CHARTIER, 1995, p. 6).

Sendo assim, percebemos que a noção de apropriação, utilizada como instrumento de conhecimento, pode também reintroduzir uma nova ilusão que pressupõe compreender a cultura, vista sob dois aspectos: os mecanismos da dominação simbólica, cujo objetivo é tornar aceitável, pelos próprios dominados, as representações e os modos de consumo que, precisamente, qualificam (ou antes, desqualificam) sua cultura como inferior e ilegítima e as lógicas específicas em funcionamento nos usos e nos modos de se apropriar do que é imposto.

No que diz respeito à apropriação e ao uso das fontes de informação, entendemos que essa apropriação se dá a partir do momento em que o usuário (aprendente) dessas fontes toma para si as informações nelas contidas e modifica as estruturas do pensamento, produzindo e ampliando novos significados.

Em relação ao uso das fontes de informação na web, que é um dos pontos-chave deste estudo, alguns autores estabelecem considerações sobre os espaços de informação e os usuários (aprendentes) a partir de dois aspectos:

a tecnologia [...], que objetiva possibilitar o maior e melhor acesso à informação disponível, e o critério da Ciência da Informação, que intervém para qualificar esse acesso em termos das competências que o receptor da informação deve ter para assimilar a informação, ou seja, para elaborar a informação para seu uso, seu desenvolvimento pessoal e dos seus espaços de convivência. Não é suficiente que a mensagem esteja disponível, ela deve também poder ser **apropriada pelo receptor** (SMIT; BARRETO, 2002, p. 15, grifo nosso).

Com base nesse argumento, reafirmamos a importância das fontes de informações a serem apropriadas, e não, apenas usadas pelo/a usuário/a de informação, porque a cultura, hoje, passa exatamente pelo conhecimento teórico-prático, pelo uso de novos instrumentos de produção e pela comunicação entre os homens.

Na área de Biblioteconomia, presencia-se uma busca, no sentido de capacitar o futuro profissional, para auxiliá-lo a compreender o valor da informação e a reconhecer sua importância política, social, econômica e cultural. Trata-se de contribuir com os conhecimentos de áreas que lidam com a informação e podem ser articulados aos conhecimentos da educação, numa perspectiva interdisciplinar, auxiliando no exercício da cidadania. Essa tarefa requer a apropriação e a organização da informação (AQUINO, 2010).

A disseminação no uso da Internet pode contribuir para uma sociedade mais informada, mas não garante isso. Além do acesso às tecnologias, a população necessita de acesso à educação, para que possa utilizar-se dessas tecnologias de forma eficiente e efetiva. Portanto, o uso efetivo dos estoques informacionais só será possível se os indivíduos tiverem competência para assimilar essa informação. Concordamos com Bastos (2005, p. 20), ao afirmar que,

apesar de toda evolução do acesso à informação, proporcionado pelas tecnologias de informação e comunicação, continua sendo primordial um estudo sobre as necessidades de informação do indivíduo na sociedade, pois a maioria não possui repertório suficiente e adequado para receptor e processar o excesso de informações, e atuar como cidadãos na sociedade.

A disseminação da informação “para aqueles que dela necessitam é uma responsabilidade social, e essa responsabilidade social parece ser o motivo real da Biblioteconomia e da Ciência da Informação” (WERSIG; NEVELLING, 2008)¹⁶. Nessa perspectiva, Barros (2003) sugere que, no processo de disseminação da informação, o profissional dessa área precisa considerar:

- a) o conhecimento sobre o usuário da informação, suas necessidades reais e seus desejos;
- b) a formação e a educação continuada do profissional da informação (bibliotecário e sua equipe), que atente também para os problemas sociais advindos do baixo nível informacional das sociedades e assimilem que a informação pode reverter esse quadro, por meio de (muito) esforço objetivo e de atuação consciente;

¹⁶ Artigo eletrônico, sem paginação.

- c) a contribuição dada pelo exercício do papel de formador de cidadãos pelo profissional da informação, cômico da sua própria cidadania e da postura política assumida no cotidiano;
- d) a disseminação da informação não é neutra; envolve uma carga ideológica de risco, mas que não permite inanição ou indiferença;
- e) a disseminação da informação, em que pesem todas as reflexões e os aportes teóricos sobre seu estatuto, ocorre pela concretização da prática, que envolve serviços e produtos informacionais, de acordo com o perfil do público-alvo/usuário que, nem sempre, sabe que é cidadão e que tem assegurado, entre outros, o direito à informação.

A sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem supõe novos papéis do/da bibliotecário/a como agente da disseminação, no sentido de incluir negros/as afrodescendentes. É necessário conhecer o contexto social para o exercício de seu papel de agente de disseminação e facilitar o uso da informação.

3.5 FONTES DE INFORMAÇÃO COMO MEMÓRIA

Na literatura, encontramos diversos autores¹⁷ que apontam vários conceitos de memória. Le Goff (2003, p. 422) entende o estudo da memória como um dos “meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história”, para que ela funcione como mecanismos que reconstroem a cultura de uma determinada sociedade.

Desde o surgimento das primeiras fontes de informação, já mencionadas neste estudo, armazenar as informações para preservar a memória é uma das características que mais instigam pesquisadores de diversos campos do saber, pois essas informações contêm dados para se estudarem os vários aspectos que entrelaçam a história da humanidade.

Segundo Fagundes, Nascente e Bittencourt (2010)¹⁸, “a memória é construída a partir do esquecimento, da segregação e da exclusão. O pensar está estritamente ligado ao ato de lembrar. O ser humano não passa o tempo todo pensando em uma única coisa, sem interrupção”. Esses autores afirmam que “a memória tem a função de selecionar fatos que ficam guardados em nosso consciente, lembranças são ativadas por sensações, lugares e

¹⁷ Paul Ricoeur, Ecléa Bosí, Pollak, Le Goff, entre outros.

¹⁸ Artigo eletrônico, sem paginação.

objetos que se conectam com esses fatos preservados” (FAGUNDES; NASCENTE; BITTENCOURT, 2010).

Chagas (1996) assevera que a memória não está associada à informação, em si, mas nas relações que ela pode manter. Assim, de acordo com o autor, a preservação da informação não é por ela mesma, mas pela relação significativa que tem. As informações passíveis de se preservar são aquelas que justificam e/ou explicam uma situação, uma forma de representar a realidade. A função da informação preservada é de prolongar a existência de um fragmento da realidade que tem relevância como referência a uma ação passada (apud FAGUNDES; NASCENTE; BITTENCOURT, 2010).

Tomando como base esse pressuposto, entendemos que as fontes de informação se tornam agentes que ajudam a manter essa memória preservada e ativa. Do ponto de vista de Barros (2003, p. 76), “o registro da memória se dá por meio de texto, de som e de imagem, utilizando-se de técnicas e tecnologias diversas, de acordo com o tempo e o contexto, dentro do processo civilizatório do homem, nas suas diversas áreas de atuação e convivência”. Essa mesma autora ainda segue essa linha de pensamento, afirmando que

a memória só faz sentido se, após organizada e tornada disponível ao público, puder ser disseminada por meio de produtos informacionais, de tal forma que se permita não só a socialização do conhecimento, mas também a produção de conhecimento inspirada no acervo constituído (BARROS, 2003, p. 79)

As fontes de informação da web, por assumirem novos papéis (interatividade, agilidade, diminuição de espaço na armazenagem de informação), frente às fontes tradicionais que armazenam e disseminam a informação, tornam-se um espaço em que devemos explorar as possibilidades de armazenar e preservar a informação, do meio físico para o virtual (digitalização), e de pensar e criar medidas para preservar a informação existente apenas no meio virtual.

4 DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO: UM MODO DE LER OS DISCURSOS DE ATIVISTAS DO MNOPB

A análise das práticas sociais supõe a aplicação de técnicas e/ou procedimentos de coleta e tratamento de dados, numa perspectiva qualitativa, em que o (a) pesquisador (a) procura manter certo distanciamento do pensamento social na sua vinculação com “um conjunto de enunciados estanques, categorizadas e valorizadas segundo as reincidências” (ALMEIDA, 2005, p. 59), como ocorre nas análises quantitativas.

Ciente da necessidade de se apropriar de métodos e técnicas mais abertos e flexíveis, percebemos que a Ciência da Informação e a Biblioteconomia pouco se beneficiam das técnicas de análise que fundamentam os estudos sobre as práticas sociais e a aplicação aos dados discursivos (AQUINO, 2010). Entretanto, Almeida (2005), estudioso das áreas de Ciência da Informação e de Biblioteconomia, coaduna-se com o uso da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) nos estudos desses campos de conhecimento, por entenderem que essa técnica difere daquelas que se encaminham em direção à neutralidade para se lidar com os dados discursivos. Isso implica “a compreensão da construção social do conhecimento, obtida nas representações sociais, e a confirmação da distância inevitável entre discurso e pensamento” (ALMEIDA, 2005, p. 75).

O DSC pressupõe a apropriação de um conjunto de princípios e conceitos operacionais, tomado da Semiótica de Pierce e da Teoria das Representações Sociais¹⁹, representadas pelo pensador romeno, Serge Moscovici²⁰ (2003), e a pensadora francesa, Denise Jodelet (2001), que consideram os fenômenos sociais como “a fonte principal da produção de discursos e estes são assimilados como um fragmento do pensamento social” (ALMEIDA, 2005, p. 61). Moscovici sustenta que as realidades são medidas pelas representações, e “[...] uma de suas funções principais é de dar significados de aspectos dessa realidade” (ALMEIDA, 2005, p. 71). Essa teoria orienta as ações das pessoas, ligando “sujeito e objeto do conhecimento”. Assim sendo, o DSC

[...] é uma modalidade de apresentação de resultados de pesquisas qualitativas, que tem depoimentos como matéria-prima, sob a forma de um ou vários discursos-

¹⁹ Essa teoria se originou na Europa, em 1961, com a publicação da obra, *La Psychanalyse: son image et son public*. Nasceu na Psicologia Social e se estendeu para os campos da Sociologia, da Antropologia, da Educação, da Ciência da Informação e da Biblioteconomia.

²⁰ É consensual entre os estudiosos das representações sociais que o conceito de representação foi criado por Moscovici.

síntese escritos na primeira pessoa do singular, expediente que visa expressar o pensamento de uma coletividade, como se essa coletividade fosse o emissor de um discurso (LEFÈVRE; CRESTANA; CORNETTA, 2003, p. 68).

É, ainda, “[...] uma proposta de organização de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos, de depoimentos, artigos de jornal, matérias de revistas semanais, cartas, papers, revistas especializadas, etc” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003 apud ALMEIDA, 2005, p. 67, grifo nosso). Essa técnica de análise nos permite perceber as particularidades e as generalidades do discurso de um grupo, a partir do agrupamento dos discursos individuais dos sujeitos que o compõem.

O discurso coletivo é a manifestação do pensamento de um sujeito coletivo, construído pelo pesquisador [...] os autores referem-se a uma primeira pessoa coletiva, visto que o sujeito individual fala também em nome do grupo ao qual pertence. Suas suposições, considerações e análises a respeito de um tema dado são, ao mesmo tempo, individuais e coletivas (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003 apud ALMEIDA, 2005, p. 70).

Essa técnica de análise une os discursos semelhantes e complementares do sujeito em um único discurso, que representa a manifestação do pensamento do grupo, em relação a um tema específico, e “resume o exposto nas várias expressões-chave, levando em conta as ideias centrais ou as ancoragens, que são comuns a um determinado discurso; além disso, deve ser redigido em primeira pessoa do singular” (ALMEIDA, 2005, p. 71). Pressupomos que essa técnica de análise nos permitirá compreender bem mais as ideias e esquematizá-las, por entender que

[...] coletivizar o discurso é a tentativa de reconstruir o pensamento social, em sua natureza, mostrando-se sempre que necessário: especificidades, detalhes, expressões diferentes com o mesmo sentido ou semelhantes, conflitos e contradições. O fato de tornarem coletivos os discursos particulares não significa totalizá-los, ou melhor, homogeneizar as especificidades dos sujeitos. É, antes de tudo, agrupá-los no que eles têm em comum. Os discursos conflitantes são resgatados e reconhecidos pelo DSC, assim como estão presentes no pensamento social, e mesmo nos pensamentos de uma pessoa (ALMEIDA, 2005, p. 74-75).

Como ocorrem as representações sociais? Em suas reflexões, Almeida (2005, p. 61) tenta responder, afirmando que “as representações sociais manifestam-se como um conjunto de imagens que dá sentido a um determinado objeto de representação (fatos, situações, sujeitos e coisas): são compartilhadas com os outros indivíduos participantes de um mesmo grupo”. Nessa teoria, o ato de representar subtende uma relação entre os elementos disponíveis no fenômeno observado e as representações já construídas e assentadas na consciência de grupo.

As representações sociais pressupõem também escolhas individuais que se ligam às normas de preferência e aos valores cultivados por uma comunidade. Nesse contexto, o indivíduo não representa o mundo sem o auxílio de categorias, classes e modelos que, por sua vez, são originados no grupo e comunicados por seus integrantes. É por meio das interações que as representações da realidade social são construídas (ALMEIDA, 2005).

A teoria das representações sociais baseia-se na Sociologia, aproximando-se dos princípios da sociologia durkheimiana. Entretanto, Durkheim compreende o fenômeno das representações como ‘representações coletivas’²¹. Há discordância entre esses autores, porque Moscovici (2003, p. 47) diz que a expressão utilizada por Durkheim “designa de uma maneira, estática e fixa, as representações produzidas na sociedade, e prefere usar a expressão ‘representações sociais’”.

Tal técnica de análise propõe conceitos operacionais básicos, a saber: as expressões-chave (ECH), a ideia central (IC) e a ancoragem (AC). As ECH são fragmentos do texto da entrevista na transcrição literal do discurso do sujeito. A IC é “a descrição, precisa e direta, dos significados do conjunto dos discursos que foram analisados e destacados nas expressões-chave [...] descreve o sentido de cada um dos discursos analisados e de cada conjunto homogêneo” (ALMEIDA, 2005, p. 71). E a AC é a “figura metodológica que indica a teoria, o pressuposto, a corrente de pensamento e o fundo do conhecimento que o sujeito aceita e compartilha de uma maneira natural para representar um dado fenômeno da realidade” (ALMEIDA, 2005, p. 71).

Essa técnica consiste em selecionar a resposta individual de cada questão formulada. As ECH são trechos mais significativos das respostas e correspondem às IC, que são a síntese do conteúdo discursivo manifestado nas ECH. Com o material das ECH das IC, “constróem-se discursos-síntese, na primeira pessoa do singular, que são os DSCs, em que o pensamento de um grupo ou coletividade aparece como se fosse um discurso individual” (LEFEVRE; CRESTANA; CORNETTA, 2003, p. 68). Ainda sobre a AC, Almeida (2005, p.71) diz que essa figura “inspira-se na teoria das representações sociais, porque trata a ancoragem como um dos processos fundamentais para a construção das representações sociais de um grupo”.

[...] A manifestação linguística explícita de uma dada teoria, ou ideologia, ou crença, que o autor do discurso professa e que, na qualidade de afirmação genérica, está sendo usada pelo enunciador para ‘enquadrar’ uma situação específica (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003, p. 17 *apud* ALMEIDA, 2005, p. 71)

²¹“Significam realidades e fenômenos exteriores ao indivíduo. Elas firmam-se sobre as consciências individuais e sustentam a conduta dos sujeitos por elas afetados” (ALMEIDA, 2005, p.63). Sua natureza é superior às representações individuais, devido ao coletivo mostrar-se superior ao particular.

O uso dessa técnica é apropriado para o estudo de conjuntos de discursos, formações discursivas ou representações sociais. Adapta-se a pesquisas sociais, propiciando “o levantamento de representações (pensamentos) dos sujeitos que devem ser consideradas como um discurso da realidade” (ALMEIDA, 2005, p. 71).

Neste estudo, o sujeito coletivo é a voz do Movimento Negro, que se manifesta na primeira pessoa do singular. O entrevistado (sujeito individual) é aquele que fala em nome do grupo (sujeito coletivo) ao qual pertence. O resultado das suposições, considerações e análises representam o sujeito individual e o sujeito coletivo, entendido como “um ser ou entidade empírica coletiva, opinante na forma de um sujeito de discurso emitido na primeira pessoa do singular” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2006, p. 518).

A primeira pessoa do singular é o regime natural de funcionamento das opiniões ou representações sociais e um recurso para viabilizar as próprias representações sociais como fatos atinentes a coletividades qualitativas (de discursos) (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2006). Tal sujeito, para além do “nós”, é muito utilizado nas pesquisas tradicionais, expressando apenas “um tipo muito particular de sujeito coletivo que fala; e também menos, já que um único sujeito também pode ser um sujeito coletivo” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2006, p. 518).

Por meio do DSC, é possível obter-se a manifestação do pensamento de um sujeito coletivo, construído pela pesquisadora, em que aparecem os traços do pensamento da coletividade em que os participantes da pesquisa estão envolvidos, expressando, assim, o que e como o grupo pensa.

A aproximação semiótica que essa teoria traz e maneja “a noção de signo representa alguma coisa, o objeto de referência, e por este é determinado”. Na visão de Almeida (2005), “o processo de representação somente é concluído quando o signo dá origem a outro tipo de signo que o interpreta, chamado de interpretante. O interpretante é o terceiro correlato do signo, sendo signo (primeiro), objeto (segundo) e interpretante (terceiro)” (ALMEIDA, 2005, p. 68). No DSC, o discurso é entendido como um signo de um objeto que evolui nas várias leituras que recebe e se afasta do objeto de representação cada vez que é realizada uma nova leitura (ALMEIDA, 2005, p. 68).

A partir dessa consideração, é possível “resgatar as representações sociais, os conhecimentos construídos pelos sujeitos em interações sociais, as quais proporcionam o fundamento da ação dos sujeitos” (ALMEIDA, 2005, p. 60). Esse autor afirma que a DSC retrata o pensamento coletivo de sujeitos que formam uma determinada população, pois os indivíduos pensam, têm opiniões, constroem e emitem representações sobre diversos

assuntos. Além disso, podem utilizá-las para analisar as práticas de uso da informação em uma instituição, os processos de gestão de conhecimento, o conceito de ciência da informação, de biblioteca, de bibliotecário, de informação, de profissionais da informação etc. (ALMEIDA, 2005, p. 75).

O autor assegura que essa técnica também pode ser utilizada para analisar os discursos dos gestores sobre o papel da informação e do conhecimento na empresa ou da tecnologia, para verificar as principais dificuldades de acesso e uso de fontes de informação, estudos de usuários e de comunidades, das necessidades de informação em uma população, entre outros (ALMEIDA, 2005).

Para analisar o uso e a apropriação das fontes de informação na web, nas áreas das Ciências Sociais (Aplicadas), tendo como foco a disseminação da informação para assegurar a memória do Movimento Negro da Paraíba, tomamos como referência as falas dos ativistas entrevistados e ligados à sede central, localizada na cidade de João Pessoa.

As perguntas da pesquisa foram analisadas qualitativamente, utilizando-se a metodologia do DSC. Para criar o sujeito coletivo, conforme sugere Lefèvre e Lefèvre (2006), selecionamos as principais categorias de cada resposta, reunindo-as por “semelhança semântica”. Em seguida, elaboramos os discursos coletivos para cada categoria. Os dados de identificação do sujeito (idade, sexo, profissão, escolaridade, cargo e tempo de participação no movimento negro) foram considerados no decorrer das análises.

O roteiro da entrevista, de caráter semiestruturado, serviu de “orientação e guia para o andamento da interlocução [permitindo] flexibilidade nas conversas e absorção de novos temas e questões trazidas pelo interlocutor como sendo de sua relevância” (SOUZA et al, 2005, p. 136). Esse roteiro foi composto de duas partes: uma intitulada “Dados de identificação”, que abrangia nome, profissão, escolaridade, sexo, idade, cargo e tempo de participação dos ativistas no Movimento Negro Organizado do Estado Paraíba, com sede em João Pessoa. A outra parte constou de cinco questões abertas.

As entrevistas foram realizadas nos meses de novembro e dezembro de 2010, distribuídas em quatro momentos. A primeira, no dia 22 de novembro, às 19 horas, com um ativista do MNOPB, que também é integrante do NENN/UFPB; a segunda, no dia 25 de novembro, às 20 horas, com um conselheiro fiscal do MNOPB, que também é integrante do NENN/UFPB; a terceira, em 02 de dezembro de 2010, às 13 horas, com uma ativista do MNOPB e integrante da BAMIDELÊ; a quarta entrevista foi realizada no dia 03 de dezembro de 2010, às 14 horas, com o coordenador da atual gestão do MNOPB.

Três entrevistas ocorreram na sala do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Informação, Educação e Relações Etnicorraciais (NEPIERE)²², localizado no Centro de Ciências Aplicadas (CCSA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), ambiente de estudos e de pesquisas de bolsistas de iniciação científica, mestrandos e doutorandos. Apenas uma foi realizada na sede da BAMIDELÊ, na cidade de João Pessoa-PB.

Antes de iniciar cada entrevista, fizemos uma breve explanação sobre o tema da pesquisa e seus objetivos, com o propósito de situar os sujeitos no contexto do objeto de estudo a ser pesquisado. Todas as entrevistas foram gravadas face-a-face, com a utilização de um Mp4. Algumas observações não captadas por esse equipamento foram feitas diretamente no notebook. Esse equipamento nos auxiliou a buscar e a recuperar fontes de informação, concernentes às falas dos ativistas do MNPB, que estão disponíveis na Web, a fim de confirmar a veracidade da existência delas.

A análise dos dados recolhidos, cuja base foi a técnica de análise do discurso do sujeito coletivo, consistiu em examinar os dados, extraídos de cada uma das entrevistas. O tratamento dessa materialidade exigiu a adoção de cinco passos da técnica do DSC, seguida das orientações metodológicas sugeridas por Lefèvre e Lefèvre (2003), a saber: a) analisamos, isoladamente, as respostas de cada uma das questões formuladas e colocamos os dados observando os conceitos operacionais, para exemplificar a análise. Para distinguir os discursos dos sujeitos entrevistados, utilizamos letras (sujeito A, B, C e D); b) destacamos, em negrito, as expressões-chave das ideias centrais; c) identificamos e escrevemos as ideias centrais; d) estabelecemos as categorias do DSC, a partir das ideias centrais; e) agrupamos as categorias formadas a partir dos discursos coletivos de A, B, C e D para criar o DSC de cada resposta.

A interpretação e a apresentação dos resultados foram feitas por meio das análises e das discussões embasadas em outros discursos e/ou teorias que possam contribuir com os discursos coletivizados e corroborá-los. Quanto à apresentação dos resultados, serão trabalhados em tópicos, a partir das perguntas formuladoras, a fim de que dialoguem com os objetivos específicos propostos neste estudo. Então, o esquema analítico será assim definido: as ECH referem-se aos blocos de enunciados dos quatro sujeitos discursivos, relativos às cinco perguntas; IC são as ideias centrais, em negrito, extraídas das ECH; a AC são as teorias utilizadas no referencial para fundamentar o discurso dos sujeitos e; DSC é a síntese dos enunciados referentes aos discursos de todos os sujeitos.

²² Onde funciona também o Grupo de Estudos “Integrando Competências, Construindo Saberes, Formando Cientistas” (GEINCOS), ambos sob a coordenação da Professora Doutora Mirian de Albuquerque Aquino.

Os participantes desta pesquisa são entendidos como o sujeito individual, que responde pelo sujeito coletivo, coadunando com a perspectiva da técnica do DSC. Esses sujeitos foram legendados como Sujeito A, Sujeito B, Sujeito C e Sujeito D, para manter seu anonimato, e selecionados conforme os critérios já mencionados neste estudo. É importante salientar que todos os sujeitos coletivos entrevistados concordaram com a realização da entrevista e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para fins de publicização e divulgação dos dados discursivos (APÊNDICE B).

A seguir, apresentamos a descrição de cada um deles:

- a) **Sujeito A:** Tem 27 anos, é do sexo masculino. Faz o curso de graduação na área de História. Há quatro anos, é ativista do Movimento Negro da Paraíba;
- b) **Sujeito B:** Tem 41 anos, sexo masculino. Cursa o Mestrado em História, participa do MNOPB desde 2005 e está ligado ao Conselho Fiscal da atual gestão;
- c) **Sujeito C:** Tem de 34-41 anos. É do sexo feminino, assistente social, mestranda em Direitos Humanos e atua no Movimento Negro há oito anos. Participa dos movimentos sociais desde os 14 anos de idade. Atualmente é coordenadora da Bamidelê.
- d) **Sujeito D:** Tem 47 anos, é do sexo masculino; é doutorado em História e professor universitário. Atua no Movimento Negro da Paraíba desde 1988 e é coordenador da atual gestão do MNOPB.

A seguir, analisamos as expressões-chave (ECH) que se referem aos blocos dos enunciados (falas) de quatro participantes da pesquisa, extraídos do corpus de dados discursivos, que foram transcritos, literalmente, considerando-se os micro marcadores inerentes ao discurso oral.

4.1 BLOG: MODO DE APROPRIAÇÃO DA INFORMAÇÃO PELO MNOPB

Iniciando a primeira interlocução com os participantes da pesquisa, individualmente, a fim de atender aos objetivos da pesquisa, perguntamos: O Movimento Negro de João Pessoa usa alguma fonte de informação da web? Se o faz, como se dá o processo de apropriação? As respostas dos participantes da pesquisa foram estas:

Sujeito A: o próprio movimento negro organizado da Paraíba tem um **blog**, tem um **blog** e tem um e-mail, então faz sim [...] que o grupo ainda é, e tá ativo, e esse grupo até hoje chega a notícia [...] eu não tenho nenhum talento com essas coisas, num é? Eu vou no máximo no computador pra **pesquisar, fazer trabalho, enviar** e-mail, **Ler** e-mail, ver o Orkut assim só, não faço mais nada do que isso, além disso [...]

Sujeito B: Ele tem um **blog**, né? [...] Temos um **grupo de discussão** também. Ele é **restrito** as entidades que participam do Movimento Negro Organizado da Paraíba, **as entidades e aos ativistas** [...] Mas, é um grupo de discussão também que assim como o blog não tá funcionando [...].

Sujeito C: Ah, a gente usa toda **rede social** [...] jornal do dia [...] **site** de algumas organizações como feministas negras [...] site da pesquisa da UFRJ [...] a gente busca muita informação lá porque eles pesquisam direto da questão racial [...] A gente tem o intuito de **qualificação**, e aí está em **consonância** [...] então é pra tá em consonância mesmo com o... com a luta [...] no caso de ferramentas como o Twitter, Facebook e essas coisas assim, usa pra **publicar** para **divulgar**, mas a gente usa também para **fazer lob** [...] a gente tem **site** a gente tem **blog**, tem **Twitter**, né? [...].

Sujeito D: Faz, faz sim, nós temos um **blog** [...] Da internet, e ele pega as várias informações sobre... sobre, população negra no Brasil e sobre a questão do racismo no Brasil e ele **dissemina** para todo mundo, além de... de fazer uma síntese, um resumo e publicar nesse página, nesse blog do Movimento, ele dissemina para todo mundo, então a gente tá sempre recebendo um monte de coisa, um monte de informação, as várias questões que digam respeito a população negra no Brasil [...] a gente tem feito o uso desse... dessa ferramenta para se **apropriar** e para **divulgar** [...].

As ideias centrais (IC), destacadas em negrito, foram retiradas das ECH, das quais extraímos duas categorias referentes ao uso e ao processo de apropriação das fontes de informação na Web:

Categoria 1 – Uso de blog e de e-mail

Categoria 2 – Apropriar para divulgar, disseminar.

DSC: Nós temos um blog e um e-mail, usa pra publicar para divulgar, a gente tem feito o uso dessa ferramenta para se apropriar e para divulgar.

Com base no discurso dos “sujeitos coletivos”, pudemos detectar que o blog e o e-mail são as fontes de informação mais empregadas pelo MNOPB na web. O processo de apropriação dessas ferramentas dá-se, na maioria das vezes, para disseminar as informações de interesse do grupo.

A apropriação da ferramenta é associada ao uso (postagens). Essas postagens são coletivas e espontâneas, e a apropriação efetiva-se por meio das postagens acerca das questões levantadas por um grupo de discussão. Devido à desorganização do MNOPB, as postagens não têm sido atualizadas.

O grupo usa o blog como ferramenta de disseminação da informação apropriada porque essa ferramenta serve para noticiar visões de mundo individuais ou de pequenas

coletividades sobre temas variados. No campo da Ciência da Informação é, sem dúvida, mais um complemento para disseminar as informações e disponibilizar os conhecimentos para os usuários (aprendentes) da web. Além disso, algumas empresas consolidadas no mercado recorrem a essa ferramenta para construir identidades, aumentar sua credibilidade e divulgar seus produtos. Alguns indivíduos usam essas ferramentas no formato de diário, e outros, com fins jornalísticos. Além de ser uma ferramenta de fácil publicação, para cuja construção o usuário (aprendente) não precisa conhecer a linguagem de programação, a maioria delas são gratuitas. Já o e-mail é a ferramenta de comunicação que mais evoluiu nas últimas décadas e vem se popularizando à medida que as tecnologias intelectuais também se popularizam.

A partir do DSC, também é possível perceber que, mesmo empregando essas ferramentas, o MNOPB não faz com que elas funcionem, o que pode ser atribuído à não funcionalidade da própria organização. A apropriação das fontes de informação na web, como, por exemplo, o blog e o grupo de discussão, mencionados pelo sujeito coletivo, serve para divulgar e disseminar as informações obtidas pelo MNOPB. Porém, não há uma periodicidade nessa disseminação e se perde um requisito básico para que a ferramenta permaneça, que é a atualização das informações disponibilizadas.

4.2 E-MAIL: FONTE DE DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÕES NO MNOPB

Em relação à segunda pergunta - Como integrante do grupo, você utiliza essa ferramenta como fonte de informação para a apropriação das informações disseminadas pelo MNOPB? Qual (is)? - os participantes da pesquisa assim se posicionaram:

Sujeito A: **Eu acho que assim**, dentro do MNO assim não existe até porque o MNO tá apático [...] num tá se reunido, num tá nada, então, não gera demanda, mas dentro do núcleo de estudantes negros a internet é importantíssima, o **e-mail** no núcleo dos estudantes negros é importantíssimo [...] eu utilizo sim porque através do e-mail eu fico sabendo de informações sobre o que tá acontecendo em São Paulo, no Rio, troco informações e fico sabendo do que tá acontecendo em vários lugares, né? [...] eh, acho que o **blog**, [...] e-mail, **Twitter** é uma forma de você se comunicar sem dúvida se apoderar de informações, mas assim, eu utilizo, mas como eu falei [...] tenho dificuldade, mas isso é minhas limitações, o MNO se **utiliza** muito bem disso principalmente fora da Paraíba né? se utiliza muito. Pessoas do núcleo utiliza isso muito bem como eu te falei a organização do último setembro negro foi toda através de da internet toda construída aí [...].

Sujeito B: É, até onde elas puderam avançar, **eu utilizo** [...] a fonte de informação mais eficaz, ainda é o **e-mail**, ainda é mais eficaz do que o blog e do que o Twitter, e não é o e-mail do Grupo, é o e-mail pessoal, as pessoas têm dificuldade de [...] operar o e-mail do grupo [...].

Sujeito C: Utilizo sim [...] Eu utilizo mais o **site**, eu sou a mulher dos sites [...] sempre todos os dias eu abro e leio [...].

Sujeito D: Eu utilizo, embora assim, muito pouco, né? [...] teve uma época que eu até me inscrevi naqueles **grupos de discussão**, de debate, aí você ficava dialogando com as pessoas sobre as mais... as questões relacionadas ao racismo e ao preconceito [...] uma **página virtual** que é do grupo de... de jornal virtual que é de um grupo de Bahia que lida com capoeira, né? [...] tem também, uma revista chamada África e africanidades [...] vou nos **sites** [...] Eu utilizo, o **Google acadêmico**, pego esses textos, mando muito assim também pra essas... pra os diferentes, que não é... militantes, quando a gente um texto que discute essa questão aí dissemina pra todo mundo assim... para essa rede de amigos, né?

As ideias centrais do segundo bloco de dados discursivos permitiram extrair apenas uma categoria relacionada ao uso de fontes de informação na web, na perspectiva da disseminação e da memória do MNOPB.

Categoria 4 – E-mail: veículo de apropriação de informações disseminadas no MNOPB

DSC: Utilizo sim, a fonte de informação mais eficaz, ainda é o e-mail, não é o e-mail do Grupo, é o e-mail pessoal.

As fontes de informação da Web trazem sua apropriação demandada por meio do uso e da praticidade exigida por esse uso. A praticidade referenciada aqui é mencionada num aspecto de fácil usabilidade, como uma característica das ferramentas digitais contemporâneas. A demanda por essa usabilidade é tão simples quanto o uso que se faz delas.

Os discursos dos sujeitos denotam que as demais possibilidades que potencializariam o poder de comunicação dessas ferramentas, tendo em vista o uso que lhes é atribuído, não são empregadas, devido a questões como a falta de familiaridade dos sujeitos com as demais características agregadas ao manuseio dessas ferramentas e, principalmente, a falta de articulação do MNOPB e a mobilização de pessoas que orientariam seus membros a apropriarem essas informações.

Sob nosso ponto de vista, essa apropriação contribuiria sobremaneira para fortalecer esse Movimento, como unidade agregadora de interesses comuns, pois o cerne está voltado para a visualidade das ações para fins de reversão dos preconceitos sofridos por etnias cujo legado cultural é relegado à marginalidade.

As fontes de informação são apropriadas por meio do uso dessas ferramentas, com a finalidade de disseminar as informações para o receptor, de forma que ele se aproprie da informação recebida. Entretanto, a desarticulação do MNOPB muito contribui para que os

efeitos do próprio uso dessas ferramentas sejam neutralizados em virtude de conflitos internos.

A apropriação das informações disseminadas pelo MNOPB é feita apenas por troca de e-mails (os pessoais, não pelo grupo de discussão) entre os membros. Essa ferramenta é considerada mais acessível ao grupo, ou seja, mais fácil de ser operada. Utiliza-se o e-mail como ferramenta para disseminar as informações apropriadas pelo MNPB a todas as entidades e ativistas ligados ao movimento, tanto em nível local quanto em nível nacional.

Nessa perspectiva, podemos apontar o fato de o MNPB estar preocupado em veicular uma informação que contribua para fortalecer o grupo e o próprio MNPB. A essa característica lançamos a discussão, mesmo que o MNOPB se autoafirme como “apático”, os membros do grupo se mantêm atualizados e atualizando-se, no que concerne às questões etnicorraciais, sempre disseminando informações entre si, que instiguem as discussões, principalmente quando se trata de temas relacionados ao racismo e ao preconceito. À luz das ideias de Correia (1999, p. 114), “o acesso/uso da informação vai possibilitar a mudança de mentalidade dentro do contexto social do movimento negro, pois, conhecendo sua condição social, ele buscará ser reconhecido enquanto indivíduo, sem afastar-se de sua etnicidade e cultura”.

Nessa atuação, o MNOPB faz com que as informações apropriadas passem a ser “um elemento organizador do processo de comunicação e de apoio da elaboração do conhecimento do indivíduo” (CORREIA, 1999, p. 114). Isso conduz esse indivíduo a desenvolver um papel social pautado na liberdade de expressão e exponha sobre a sua cultura, sem que se sinta reprimido ou até mesmo discriminado.

4.3 AS FONTES DE INFORMAÇÃO ENCURTAM FRONTEIRAS E AMPLIAM A COMUNICAÇÃO

Prosseguindo a interlocução com os participantes da pesquisa, lançamos a terceira pergunta: Você acha que as fontes de informação na web facilitam a disseminação das informações? Por quê? As respostas dos participantes da pesquisa foram estas:

Sujeito A: **Facilita** porque **encurta as fronteiras** acho que por isso né? [...] porque posso conversar, posso ter uma rede, eu não preciso ir para São Paulo para saber das experiências de São Paulo [...] **diminuir as fronteiras** né? [...] é muito importante nesse sentido, embora eu não ache que a internet é... seja tão democrática assim, entendeu?

Sujeito B: Sim. Porque elas é... tanto **ampliam** a possibilidade de você se **comunicar**, quanto elas ampliam a possibilidade de você **organizar a comunicação**, você pode trabalhar com vários grupos de pessoas ao mesmo tempo, com informações diferentes, basta você utilizar determinados suportes de comunicação, o e-mail, o Twitter, né? O Facebook, o MSN, por exemplo [...]

Sujeito C: Com certeza. Gente... o **alcance, rapidez** [...] Acho que é a rapidez é a **agilidade** e **praticidade**, enfim, mesmo que a gente, a população negra, porque a gente **não [...] pode utilizar só esse meio [...] a gente se apropria** mas, ai gente **tem que repassar de outra forma** porque agente não pode entender que a gente vai divulgar uma ação e que todas as pessoas vão ter acesso, e não vão ter acesso, então agente faz essa reflexão, porque **no acesso a gente tá a traz da população branca.**

Sujeito D: Ai pra mim eu digo, é uma faca de dois gumes, **ela é importante, ela dissemina a informação**, mas ela pode criar... **ficar restrita** à um único grupo, né? A um único grupo que... que acessa isso [...]o problema não é a internet, mas **o problema é como você usa**, né? [...] Tudo **muito rápido** e eu consigo ler aquilo que foi produzido esse ano... foi produzido esse ano, em qualquer faculdade, universidade do Brasil, então é interessante, né? [...] usar para esse fim, ela **revolucionaria**, né? [...] Nessa formação, nessa apropriação do conhecimento, na construção do conhecimento, mas infelizmente ela não é usada com essa finalidade, é... com essa finalidade ai da formação, mas muito com essa finalidade do entretenimento [...].

Categoria 5 – Agilidade e rapidez

Categoria 6 – Diminui as fronteiras

DSC: Facilita sim, porque encurta as fronteiras. Tanto ampliam a possibilidade de você se comunicar, quanto elas ampliam a possibilidade de você organizar a comunicação. Acho que é a rapidez é a agilidade e praticidade. Ela é importante, ela dissemina a informação, mas, ai gente tem que repassar de outra forma porque agente não pode entender que a gente vai divulgar uma ação e que todas as pessoas vão ter acesso, e não vão ter acesso, então agente faz essa reflexão, porque no acesso a gente tá a traz da população branca.

Percebemos que a disseminação das informações é agilizada pelas fontes de informação. O MNOBP parece dar credibilidade a essas fontes, visto que a comunicação é simultânea, e os sujeitos consideram que agilidade e rapidez podem diminuir as fronteiras. A afirmação deles, em concordância com a facilidade de disseminar as informações mais eficazes e rápidas, aponta para uma atribuição de sentido ao uso, efetivado pelos integrantes do MNOBP. A eficácia de disseminação perpassa a mecânica da simultaneidade no recebimento de informações para alçar resultados no uso que se faz dela.

Como exemplificado no DSC, as ferramentas intensificam a capacidade de organizar a informação e comunicá-la, mas cabe ao usuário (aprendente) apropriar-se dessas características para atingir o propósito que intenciona. Caso esses propósitos inexistam, as possibilidades de democratização informacional podem ser reduzidas, conduzindo, mesmo que involuntariamente, a um preconceito revertido do discurso eurocêntrico.

As etnias devem aliar-se em prol da inserção sociocultural, de forma plena, e resistir às atitudes discriminatórias das quais continuam sendo vítimas. O uso das ferramentas deve ser perpetuado para evitar que as ações direcionadas aos preconceitos sejam reproduzidas. Esse direcionamento não é responsabilidade dos meios digitais, mas de apuro crítico dos sujeitos. Os meios eletrônicos são apenas suportes facilitadores para que esse fim seja alcançado.

Os sujeitos que dominam essas fontes são responsáveis por repassar a informação para a população que não tem acesso a ela. A população afrodescendente é marcada por essa falta de acesso, visto que a maioria vive às margens da sociedade, invisibilizada por aqueles que detêm essa informação e se apropriam dela apenas para o próprio saber, sem se preocupar com aqueles que dela necessitam.

O Movimento Negro se coloca como agente responsável por buscar essa informação produzida e apropriada pela “população branca” e disseminar essa informação mediante os meios acessíveis à população negra, desvalorizada pelas camadas da sociedade que detêm o poder da informação. Isso reafirma o compromisso que essa Organização tem de “conscientizar a raça negra para que seja feita uma releitura dos acontecimentos a partir da compreensão do seu papel na história” (MNPB, 2010).

4.4 A INTERNET COMO UM CANAL PARA REDUZIR AS DIFERENÇAS E AS BARREIRAS CULTURAIS

No que diz respeito à pergunta sobre se a *internet pode servir como um canal para reduzir as diferenças e as barreiras culturais*, os entrevistados assim se expressaram:

Sujeito A: olhe eu acho que a internet **pode ser um canal** pra diminuição da diferença e pra quebrar as barreiras culturais pode ser, mas **ainda não é**. Eu acho que o que é **democrático dentro da internet é o Orkut o MSN** na minha opinião como é que o público tá tendo acesso, nós na universidade não, dentro da universidade além do Orkut e do MSN tem acesso a outras coisas mas eu não sei se a internet tá assim tão democrática na periferia por exemplo o que a população tá tendo lá na periferia é acesso a Orkut e a MSN na minha opinião o Orkut e o MSN não quebra nenhuma barreira não diminui nenhuma diferença pelo contrário **ela reforça muito estereótipos não é?** [...] se você for lá no Orkut você vai ver é **comunidades racistas, comunidades xenófobas** é comunidades que pregam mais contra a... homofobia, então como é que tá chegando, como é que a internet tá chegando para grande maioria, eu acho complicado ainda.

Sujeito B: Eu ainda acredito muito no **contato físico**, eu acredito que se eu pensar essas barreiras culturais e essas diferenças no âmbito da luta anti-racista, eu acho, eu

lhe responderia, **certamente que não** [...] ele é um canal talvez, que **possa ser pensado** como [...] **um instrumento de combate ao racismo**, [...] se for um dos **canais de ação da entidade e do ativista**, ele por si só, eu não acredito que ele seja tão efetivo, mas ele for um dos instrumentos sim, [...] eu acho que hoje a atuação [...] dos movimentos sociais **não pode prescindir** [...] **da internet como instrumento de comunicação**, [...] eu acho que ela pode ser pensado como um campo de luta, mas ela por si só não é.

Sujeito C: Olha é uma **pergunta difícil**, [...] eu acho que o fato de você ter contato com outras pessoas, como outras culturas, eu acho que **contribui**, assim, mas eu acho que **não sei se diminuir** [...], mas eu não sei se diminuir as barreiras entendeu? [...] ainda **sou muito corpo à corpo**, [...] eu acho que fazer essa análise assim, de **quebrar, eu não acho ainda não**, não vejo muito nessa linha não, eu acho que **aproxima, que amplia**... mas, quebrar barreiras... a gente vê muitas coisas absurdas, essa pergunta é difícil.

Sujeito D: Pode, né? **Ela pode ser utilizada**, por exemplo, se a gente pensá-la e utilizá-la nessa perspectiva de que... é... eu **conheça** aqui **uma prática cultural e dissemine essa prática cultural**, [...] E que a gente possa conhecer... [...] no mais distante... na mais distante cidade onde a gente esteja, né? E saber que... **que você não está ali só, né?** Que aquilo que você faz, ela também tá sendo praticada em outros locais em outros estados, e conhecer **que existe um... um grupo igual ou diferente a você**. [...] Então é eu acredito que ajude nesse sentido, né? [...] talvez não seja nem de superar essas diferenças, mas de **entender essas diferença e conviver com essas diferenças culturais**, né? Talvez a internet ela não sirva e talvez ela não venha ajudar superar essas diferenças [...] econômicas, né? Entre os grupos econômicos, mas ela possibilite a gente a conviver e entender as diferenças culturais. É nesse sentido.

As ideias centrais do quarto bloco dos dados discursivos geraram cinco categorias relacionadas à internet como um canal para eliminar as diferenças e as barreiras culturais, canal de ação dos ativistas no que se refere às fontes de informação na web como um meio de disseminação de informações etnicorraciais pelo MNOPB.

Categoria 7 – A internet pode ser um canal para reduzir diferenças e barreiras culturais;

Categoria 8 – Ser um canal de ação da entidade e do ativista;

Categoria 9 – Diminuir, mas não quebrar as diferenças e as barreiras culturais;

Categoria 10 – Pode ajudar a entender as diferenças culturais e conviver com elas.

DSC: Pode ser, mas ainda não é. Ela é um canal talvez, que possa ser pensado como um instrumento de combate ao racismo, se for um dos canais de ação da entidade e do ativista, ela por si só, eu não acredito que ela seja tão efetiva, mas ela for um dos instrumentos sim. Eu acho que o fato de você ter contato com outras pessoas, como outras culturas, eu acho que contribui, assim, mas eu acho que não sei se diminuir talvez não seja nem de superar essas diferenças, mas de entender essas diferença e conviver com essas diferenças culturais.

O MNOPB entende que o a internet pode ser um canal para combater as diferenças e as barreiras culturais se for um instrumento da entidade e do ativista que mergulham nessa

luta. Porém tais barreiras devem estar associadas a ações que visem, primordialmente, ao entendimento dessas diferenças e barreiras, tendo em vista que o meio virtual pode ser considerado como uma personificação do meio físico, no que diz respeito às diferenças culturais, posto que nos ambientes (físico e/ou virtual) existem diferenças, tanto culturais quanto sociais e econômicas.

A diferenciação que ocorre entre os dois meios é encontrada nas possibilidades de aproximar indivíduos de culturas diferentes. A velocidade e a proximidade das informações propiciadas pelos meios virtuais contribuem para uma reflexão sobre a convivência de diferentes culturas no mesmo espaço, mas não, para o esfacelamento dos discursos que promulgam a exclusão, pois as concepções ideológicas que geram o preconceito estão, comumente, tão atreladas a determinados contextos culturais que se aplicam erroneamente as preconceitualizações como marcas identitárias dos discursos sociais, certas vezes, refletidos no meio virtual.

As raízes desses preconceitos são fundamentadas na história da antropologia de formação das elites. As questões étnicas e religiosas devem ser postas numa perspectiva mais ampla, que se fundamenta na estrutura das formações econômicas e de poder. Muitas das consequências e dos reveses das tentativas de apaziguamento das contradições entre grupos étnicos se confundem com os interesses das relações econômicas e sociais sempre em curso e que governam a permanência dos grupos hegemônicos no controle dos rumos para os quais a sociedade é direcionada.

Apesar da insubmissão de grupos que agem contra o *status quo*, inclusive no meio físico, a internet não possibilita por si mesma essa reavaliação, embora possibilite, pela estrutura de seu suporte, características que facilitem esse apaziguamento. As entidades com MNPB, que são agentes de “Combate ao racismo” e do “reconhecimento das comunidades negras”, nos vários meios, se tornam organizações que visam estimular essa solidarização com “às outras etnias, nas suas lutas por uma vida digna” (MNPB, 2010).

Pela agilidade nos processos de disseminação das informações, o meio virtual se encontra como um possível agente mediador dessa luta, um espaço que deve ser ocupado pelas entidades e ativistas que lutam por uma sociedade mais digna e justa. Desse modo, pode auxiliar na obtenção dos direitos e deveres do cidadão, construir, por meio dessas fontes, uma visão crítica da sociedade em que vivemos e desenvolver um processo de conscientização, que poderá possibilitar uma mudança tanto individual quanto social (CORREIA, 1999).

4.5 CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DO POVO NEGRO

No que diz respeito à pergunta, “Você vê a possibilidade de essas fontes de informação servirem como memória do MNOPB”?, os participantes da pesquisa assim se posicionaram:

Sujeito A: Sim. [...] eu acho, que a internet, que a web trabalhada de forma sábia com uma inteligência **pode ser um instrumento**, um grande instrumento, não posso negar isso. Acho que a digitalização, fotos, registros de eventos é **muito importante para memória do movimento, a memória de um povo**. E acho que a internet é importante em [...] conseguir fazer isso. [...] Acho que se a internet, a web trabalhar de forma inteligente pode auxiliar, como já vem auxiliando o movimento negro, não só o movimento negro, mas todos os movimentos sociais.

Sujeito B: **Acredito que sim**, [...] na medida em que ela primeiro seja física e depois ela seja um acervo digitalizado [...] Eu **acredito que ela deva existir nos dois meios**, eu não consigo é... pensar uma informação, ou ter acesso a um conhecimento, que tenha, que esteja só no meio virtual, [...] Agora, acho que hoje **não é mais suficiente a informação física**, acho que a informação pode coexistir, mas, você abrir mão do físico para ficar só com o virtual, eu acho... eu, por exemplo, não confio nisso, [...] Eu ainda acho necessário o documento físico, para eu como pesquisador da área de história teria dificuldades em... em ter acesso a só o documento virtual [...].

Sujeito C: Eu **acho que também**, [...] mas não só [...] Eu acho que também, mas **eu gosto sempre de tirar uma cópia** [...]

Sujeito D: Também [...] Eu acho que **é possível sim**, ela pode ser utilizada pelo Movimento Negro para construir essa memória, já que temos... nós não temos um espaço físico, né? **Podemos ter esse espaço virtual**.

De acordo com as ECH, retiramos as ideias centrais, das quais foram categorizadas:

Categoria 15 – Podem servir como memória do MNPB;

Categoria 16 – A memória deve existir tanto no físico quanto no virtual.

DSC: Acredito que pode sim. Eu acredito que ela deva existir nos dois meios. Agora, acho que hoje não é mais suficiente a informação física, acho que a informação pode coexistir, mas, você abrir mão do físico para ficar só com o virtual. Ela pode ser utilizada pelo Movimento Negro para construir essa memória, já que nós não temos um espaço físico, podemos ter esse espaço virtual.

Que esse espaço pode ser pensado como lugar de memória para o MNOPB está bem claro no DSC. Porém, ele enfatiza que essa memória deve “coexistir”, ou seja, existir tanto no meio físico quanto no meio virtual.

A memória coletiva em meio digital é um fenômeno que, em breve, deverá abarcar parte da cultura produzida na sociedade. A proliferação dessas produções dialoga com a identidade coletiva e individual, tendo em vista que os sujeitos são atravessados pelas

ideologias e por outros discursos nos quais suas relações sociais são imersas. Portanto, às vezes, inconscientemente, são reflexos dos sentidos emanados pelo repertório cultural proposto pelos discursos com os quais convive.

Nessa perspectiva, é preciso construir um espaço virtual, que armazene as informações produzidas e apropriadas pelo MNOPB, visto que esse espaço não existe no meio físico, e sua criação desencadearia discussões sobre a preservação da memória do grupo, como agente na Paraíba que luta em busca da igualdade racial e do combate ao racismo, ao preconceito e à discriminação, independentemente do lugar de onde ela venha surgir. Esse espaço também servirá como fonte de informação para aqueles que não têm conhecimento da história do grupo e da sua luta, que não é só do MNOPB, mas de todos os que buscam uma sociedade mais justa. Possibilita que se reconstrua uma identidade/memória, que foi oprimida e esquecida. Contudo, a reconstrução dessa memória “esquecida/invisibilizada” deve ser feita por meio de um movimento que seja fiel à história e à cultura desse grupo, já tão marcado pelo esquecimento, de uma sociedade preconceituosa, que apenas visa as suas próprias conquistas.

Sobre esse “esquecimento”, Knobbe (2005) explicita que, no Brasil, a questão dos grupos negros tem o agravante do racismo cordial, em que as pessoas dizem que não os discriminam e respeitam as religiões afrobrasileiras. Trata-se de uma situação histórica e cultural, o racista ou preconceituoso é sempre o vizinho. A política de embranquecimento da população brasileira, através do incentivo à imigração europeia, a perseguição, até os anos 1950, às religiões afrobrasileiras e a destruição de seus templos são alguns exemplos da opressão sofrida por esses grupos. Não é por menos que afrodescendentes reneguem a gota de sangue africana. A vergonha de ser negro é fruto de um estigma colocado sobre a população e de uma estratégia de sobrevivência social.

A reconstrução dessa memória é essencial para que o indivíduo conheça suas raízes, possa construir sua identidade e, dessa forma, ter condições de se integrar efetivamente ao seu grupo social. As fontes de informação da Web se colocam como um dos meios possíveis de armazenar, disseminar e, até, reconstruir essa memória invisibilizada por anos de uma história feita a partir da visão de um único povo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar temas sobre as relações etnicorraciais implica construir, juntar os fragmentos da memória coletiva da história da população negra, a fim de possibilitar a concepção de um conhecimento que sirva para erradicar as discriminações, os racismos e os preconceitos que submetem os/as negros/as a humilhações e os excluem dos diversos âmbitos da sociedade (AQUINO, 2009).

Os resultados apontam que as fontes de informação da Web, aliadas às ações desenvolvidas por entidades e ativistas, como o MNOPB, podem servir como canal de combate às diferenças e às barreiras culturais impostas pela sociedade, a fim de dar sentido e visibilidade à população negra. Essa visibilidade se alia às questões que envolvem a memória, um lugar onde a história e a cultura africana muito contribuíram e ainda contribuem para a formação da cultura brasileira.

Por meio deste estudo, foi possível constatar que, desde o processamento, do tratamento da informação até a sua disseminação e memória, o profissional da informação deve cercar-se, sem preconceitos, de todo e qualquer suporte informacional, sejam eles físicos, digitais e virtuais, fazendo com que o uso das fontes de informação da Web possam inovar as práticas de mediação ao disseminar a informação para os diferentes usuários da grande rede.

Os resultados da pesquisa fizeram-nos entender que a universidade deve ser formadora de novos perfis de profissionais, que sejam capacitados para trabalhar com as mais diversas áreas do saber. E sejam eles pesquisadores/as, bibliotecários/as, antropólogos/as, historiadores/as, jornalistas, sociólogos/as, psicólogos/as, entre outros, cabe-lhes a tarefa de encampar a luta pela democratização da memória social como um dos imperativos prioritários para a democratização da justiça social. Essa memória pode servir como mecanismo de inclusão dos indivíduos que vivem à margem da sociedade, por não serem reconhecidos e conhecedores da própria história.

Quanto aos profissionais da informação, juntamente com pesquisadores (as), professores (as) e alunos (as), devem disseminar uma rede social de informações sobre as fontes de informação da Web, aliadas às práticas culturais desenvolvidas pelos movimentos sociais que sirvam para desvelar a realidade e as contradições.

Como profissional da informação, preocupada com o uso e a apropriação dessas informações disponibilizadas na Web pelos grupos socialmente invisibilizados, caberia a nós

sugerirmos políticas mais eficazes de reparações e de reconhecimento, por meio de programas de ações afirmativas e políticas de informação que orientem a sociedade, seus representantes e a comunidade científica para corrigir as desvantagens e a marginalização criada por uma estrutura social excludente e discriminatória, que invisibiliza seus atores sociais, por meio de preconceitos e diferentes formas de negação da cultura de origem, impondo uma cultura dominante, que impera, dita normas e valores, exclui e fecha as portas aos menos favorecidos socialmente.

A partir dessa afirmativa, vemos que o compromisso social das Ciências Sociais e Aplicadas, especificamente a Biblioteconomia, e de seus/suas respectivos/as pesquisadores/as é o de requalificar o campo de conhecimento, a fim de conhecer e incluir todos os grupos sociais em seus estudos e pesquisas. É preciso que repensemos a prática dos profissionais da informação (bibliotecários/as e cientistas da informação), que atuam dentro ou fora das Unidades de Informação, não mais como meros/as transmissores/as da informação, mas como facilitadores/as das novas formas de organizar, armazenar buscar e recuperar a informação.

O profissional da informação tem o papel de explorar as diversas fontes de informação existentes, ou seja, juntar os fragmentos da história do grupo e reconstruí-la independentemente do seu formato e, assim, reconstituir a trajetória desse grupo. As instituições são legitimadoras das tradições de uma sociedade, por isso as bibliotecas e as demais instituições informacionais, como arquivos e museus, podem contribuir para a democratização da informação e dar voz às culturas marginais. Basta explorar as diversas perspectivas das fontes de informação que estão sob seus cuidados. No caso deste estudo, ao abordar as fontes de informação da Web, mas não ficando restrito somente aos elementos tecnológicos das ferramentas, desenvolvendo projetos que visem ao uso e à apropriação da informação, para dar possibilidade ao indivíduo de se tornar mais consciente do espaço em que vive e interagir com ele através de sua cultura e de seus direitos e deveres.

A disseminação da informação, por meio da Web, faz com que o homem tenha condições de modificar suas ações e, conseqüentemente, passa a ter maior controle e integração com as instituições sociais de forma mais democrática. Com o nosso estudo, encontramos fontes de informação da Web, que servem de instrumentos para as entidades ligadas ao MNOPB e que podem ser identificadas nos anexos A, B, C, D, E, F e G, como um canal de disseminação da informação etnicorracial, potencializador de uma consciência que vise ao entendimento das diferenças e das barreiras culturais e espaço de memória da história dos grupos que compõem o MNOPB.

Percebemos o MNOPB como uma entidade que utiliza as fontes de informação da Web para se apropriar das informações produzidas e disseminadas pelo grupo e uma entidade como exemplo de luta a favor da população negra na Paraíba e representante da memória cultural deixada pelos nossos antepassados africanos, a qual busca preservar a memória histórico-cultural desse grupo.

Consideramos que este estudo não se esgota aqui, há, ainda, muito que pesquisar sobre as relações estabelecidas entre as fontes de informação de Web e a sociedade. Precisamos buscar medidas para que essas ferramentas contribuam para ajudar os grupos sociais que lutam por direitos, democracia e justiça, seja essa uma luta racial, econômica ou de gêneros, e entender que a tecnologia, por si só, não atende aos propósitos e às demandas da sociedade. Ressalte-se que a Ciência só é relevante se buscar, por meio de seus/suas pesquisadores/as, resolver e/ou buscar soluções para atender aos problemas que atingem a sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carlos Cândido de. Discurso do sujeito coletivo: reconstruindo a fala do “social”. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 2005. Cap. 3, p. 59-79.

AQUINO, Mirian de Albuquerque. **Informação para educação: construindo dispositivos de inclusão a partir do uso de objetos multimídia na sociedade da aprendizagem**. (Projeto Técnico-Científico). João Pessoa: UFPB, 2005.

_____. **Memória da Ciência: A (in) visibilidade dos (as) negros (as) na produção do conhecimento da Universidade Federal da Paraíba** (Projeto de Pesquisa). João Pessoa, 2009.

_____. **Processos de apropriação, organização, disseminação e democratização da informação no movimento negro da Paraíba** (Projeto de Pesquisa). João Pessoa, 2010.

ARAÚJO, Claudialyne da Silva et al. **Redes sociais na internet**. 2010. Trabalho apresentado à disciplina Disseminação da informação II do Curso de Biblioteconomia da UFPB. Data da Postagem 07 maio de 2010. Disponível: <<http://sites.google.com/site/wagnerjunqueiraaraujo/disseminacao---trabalhos-buscadores>>. Acesso em: 15 nov. 2010.

ARAÚJO, Vania Maria Rodrigues Hermes de. Estudos dos canais informais de comunicação técnica: seu papel na transferência de tecnologia e na inovação tecnológica. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 79-100, 1979.

BAMIDELÊ. **Organização de Mulheres Negras na Paraíba**. Disponível em: <<http://www.bamidele.org.br/>>. Acesso em: 15 nov. 2010.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Transferência da informação para o conhecimento. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque (Org.). **O campo da ciência da informação: gênese, conexões e especificidade**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2002. Cap. 3, p. 49-59.

BARROS, Maria Helena Toledo Costa de. **Disseminação da informação: entre a teoria e a prática**. Marília: [s.n.], 2003.

BARROS, Moreno Albuquerque de. Um blog, uma revista, um repositório e um portal: experiências discentes na divulgação e comunicação em Biblioteconomia. In: ENCONTRO

NACIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 24., 2006, Recife. **Anais...** Recife: [s. n], 2006. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/9330/1/enebd_2006.pdf> Acesso em: 15 nov. 2010.

BASTOS, Flávia. Maria. **Organização do conhecimento em bibliotecas digitais de teses e dissertações**: análise da aplicabilidade das teorias macroestruturais para categorização de áreas de assunto. 2005. 111 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2005.

BASTOS JUNIOR, Paulo Alberto. Inovação: garantia de competitividade sustentável às organizações. **Revista Eletrônica de Administração e Negócios**, set./out. 2000. Disponível em: <<http://www.academica.cjb.net/>>. Acesso em: 13 ago. 2010.

BENÍCIO, Christine Dantas. **Do livro impresso ao e-book**: o paradigma do suporte na Biblioteca Eletrônica. 2003. 141 f. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia)- Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2003.

BOLAFFI, Guido. **Dictionary of race, ethnicity and culture**. SAGE Publications, 2003.

BORKO, Harold. Information Science: what is it? **American Documentation**, v.19, n.1, p.3-5, jan. 1968.

BRITO, Jorgivania Lopes; SILVA, Patrícia Maria da. **Ferramentas da web 2.0 em bibliotecas universitárias**: um estudo de caso. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, GESTÃO, E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2010, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: UFPB, 2010. Disponível em: <<http://dci.ccsa.ufpb.br/enebd/index.php/enebd/article/viewFile/132/139>>. Acesso em: 20 set. 2010.

CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (Orgs). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

CARVALHO, Marly Monteiro de. **Inovação**: estratégias e comunidades de conhecimento. São Paulo: Atlas, 2009.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação**: economia, sociedade e cultura, vol. 3, São Paulo: Paz e terra, 1999, p. 411-439.

CHAGAS, Mário. **Museália**. Rio de Janeiro: JC Editora, 1996.120p.

CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: **A História Cultural**. Lisboa: DIFEL, 1990. p. 13-28.

_____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador, conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Imprensa Oficial/UNESP, 1999.

_____. Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995. p. 179-192. Disponível em: <<http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2005/1144>>. Acesso em: 20 out. 2010.

CORREIA, Tânia Maria da Silva. **Lemba odu: práticas informacionais no contexto do Movimento Negro de João Pessoa-PB**. 1999. 173 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999.

CUNHA, Murilo Bastos da. Desafios na construção de uma biblioteca digital. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 28, n. 3, p. 257-268, set./dez. 1999.

_____. **Para saber mais: fontes de informação em ciência e tecnologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2001.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. Nós, afro-descendentes: história africana e afrodescendente na cultura brasileira. In: ROMÃO, Jeruse (org.). **História da educação do negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da educação, secretaria de educação continuada, alfabetização e diversidade. 2005. Cap. 14, p. 249-273.

_____. **Metodologia afrodescendente de pesquisa**. Texto de trabalho na disciplina de etnia gênero e educação na perspectiva afrodescendente. 2006.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 1999.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa In: _____. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução de Sandra Regina. Porto Alegre: Artmed, 2006. Cap. 1, p. 15-47.

DESLAURIES, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michèle. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis: Vozes, 2008. Tradução de: La recherche qualitative. p. 127-153.

DIAS, Cláudia Augusto. Portal corporativo: conceitos e características. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 50-60, 2001.

DICIONÁRIO AURÉLIO ONLINE. Disponível em:
<<http://www.dicionariodoaurelio.com/2010>>. Acesso em: 10 out. 2010

FAGUNDES, Joyce; NASCENTE, Livia; BITTENCOURT, Yolle. O objeto tridimensional como fonte de Informação e preservação da memória social. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 32., 2009, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Unirio, 2009. Disponível em:
<http://www.unirio.br/cch/eb/enebd/Comunicacao_Oral/TemaLivre/objeto_tridimensional.pdf>. Acesso em: 20 out. 2010.

FERNANDES, Ricardo Luiz da Silva. Movimento negro no Brasil: mobilização social e educativa afro-brasileira. **Revista África e Africanidades**, ano 2, n. 6, ago. 2009. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com/documentos/Movimento_Negro_no_Brasil.pdf>. Acesso em: 20 out. 2010.

FREIRE, Isa Maria. **A responsabilidade social da Ciência da Informação e/ou o olhar da consciência possível sobre o campo científico**. 2001. 166 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - IBICT, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2001.

FRIGERI, Alexandre Machado. Youtube: fenômeno cibercultural e os estudos dos New Media. In: SIMPÓSIO NACIONAL ABCIBER, 3., 2009, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: ESPM, 2009. Disponível em:
<http://www.abciber.com.br/simposio2009/trabalhos/anais/pdf/artigos/2_entretenimento/eixo_2_art2.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2010.

GONÇALVES, Ana Luísa Mendes Barata Rogério. **Análise crítica de websites**. nov. 2006. Relatório explicativo. Disponível em:
<http://student.dei.uc.pt/~aluisa/trabalhos/DM_Relatorio_Trab04.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2010.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Dos estudos sociais da informação aos estudos do social desde o ponto de vista da informação. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque (Org.). **O campo da ciência da informação: gênese, conexões e especificidade**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2002. Cap. 2, p. 25-45.

GOUVEIA, António Jorge Gonçalves de; OLIVEIRA, Paula Cristina; VARAJÃO, João Eduardo Quintela. Portais Web: enquadramento conceptual. In: CONFERÊNCIA IADIS

IBEROAMERICANA, **Anais eletrônicos...** 2007. p. 309-314. Disponível em: <http://www.iadis.net/dl/final_uploads/200713C045.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2010.

GROULX, Lionel-Henri. Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução Ana Cristina Nasser. Petrópolis: Vozes, 2008. Tradução de: La recherche qualitative. p. 95-124.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio de expansão. In: _____. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2001. p. 17-44.

KNOBBE, Margarida Maria. História extra-oficial: como os negros no Brasil ainda não conquistaram a liberdade. **Problemas Brasileiros**, São Paulo, n. 371, p. 18-23, set./out. 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão et al. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003. Tradução de: Storia e memória.

LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti; CRESTANA, Maria Fazanelli; CORNETTA, Vitória Kedy. **A utilização da metodologia do discurso do sujeito coletivo na avaliação qualitativa dos cursos de especialização "Capacitação e Desenvolvimento de Recursos Humanos em Saúde CADRHU"**. Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 68-75, jul./dez. 2003.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul: UDUCS, 2003.

_____. O sujeito coletivo que fala. **Interface: comunicação, saúde, educação**, v. 10, n. 20, p. 517-24, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v10n20/17.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2010.

LÈVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LIMA, Celly de Brito. **Identidades afrodescendentes: acesso e democratização da informação na cibercultura**. 2009. 115 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios, 82).

MCGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação**: uma análise introdutória. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MEADOWS, Arthur Jack. **A comunicação científica**. Tradução Antônio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MENESES, Héricck Dayann Morais de et al. **Youtube**: tendências, desafios e percalços na Ciência da Informação. Trabalho apresentando à disciplina Disseminação da informação II do Curso de Biblioteconomia da UFPB. Data da Postagem 27 maio 2010. Disponível: <<http://sites.google.com/site/wagnerjunqueiraaraujo/disseminacao---trabalhos-buscadores>>. Acesso em: 15 nov. 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2005.

MNOPB. **Blog do Movimento negro organizado da Paraíba**. Disponível em: <<http://movimentonegroorganizadodaparaiba.blogspot.com/>>. Acesso em: 10 out. 2010.

MNPB. **Nossa História**. Disponível em: <<http://movimentonegropb.vilabol.uol.com.br/historico.htm>>. Acesso em 10 ago. 2010

MOORE, Nick. A sociedade da informação. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **A informação**: tendências para o novo milênio. Brasília: IBICT, 1999.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jannette Marguerite (Orgs.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. p. 21-34.

PERROTTI, Edmir ; PIERUCCINI, Ivete. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, Marilda Lopez Ginez de; FUJINO, Asa; NORONHA, Dayse Pires. **Informação e contemporaneidade**: perspectivas. Recife: Nectar, 2007, p. 47-96.

Disponível em <<http://infoeducacaousp.blogspot.com/2008/10/infoeducacao-saberes-e-fazeresda.html>>. Acesso em: 20 nov. 2010.

PINHEIRO, Lêna Vânia Ribeiro. Processo Evolutivo e Tendências Contemporâneas da Ciência da Informação. **Informação e Sociedade: estudos**. João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 13-48, jan./jun. 2005.

POZO, Juan Ignacio. **Humana mente: el mundo, la conciencia y la carne**. Madrid: Morata, 2001.

_____. **Adquisición de conocimiento: cuando la carne se hace verbo**. Madrid: Morata, 2003.

_____. **A sociedade da aprendizagem e o desafio de converter informação em conhecimento**. Publicado em: 20 ago. 2008. Disponível em: <http://www.diretoriabarretos.pro.br/patio_online2.htm>. Acesso em: 11 out. 2010.

POZO, Juan Ignacio; POSTIGO, Yolanda. **Los procedimientos como contenidos escolares: uso estratégico de la información**. Barcelona: Edebé, 2000.

SALES Rodrigo; ALMEIDA, Patrícia Pinheiro de. Avaliação de fontes de informação na internet: avaliando o site do NUPILL/UFSC. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. 2, p. 67-87, jan./jun. 2007.

SANTANA, Vanessa Alves. **A responsabilidade social dos profissionais da informação e a inclusão de negros/as afrodescendentes: um desafio para bibliotecários da universidade federal da Paraíba-UFPB**. 2008. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Centro de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

SCHMITZ, Leandro Costa; ROLT, Carlos Roberto de. **Grupo de discussão seguro: um modelo para ambientes virtuais de colaboração**. Disponível em: <http://www.aedb.br/seget/artigos04/192_grupo_de_discussao_seguro.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2010.

SILVA, Terezinha Elisabeth da; TOMÁEL, Maria Inês. Fontes de informação na internet: a literatura em evidência. In: TOMAEL, Maria Inês; VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Orgs.). **Avaliação de fontes de informação na Internet**. Londrina: Eduel, 2004. p. 1-17.

SMIT, Johanna W.; BARRETO, Aldo de Albuquerque. Ciência da Informação: base conceitual para a formação do profissional. In: VALENTIM, Marta Pomim (Org.). **Formação do Profissional da Informação**. São Paulo: Polis. 2002.

SOUZA, Edinilsa Ramos et al. Construção dos instrumentos qualitativos e quantitativos. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves; SOUZA, Edinilsa Ramos. **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. Cap. 4, p. 133-156.

TOMAÉL Maria Inês et al. Fontes de informação na internet: acesso e avaliação das disponíveis nos sites de universidades. 2000. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/t138.doc>. Acesso em: 13 set. 2010.

WERSIG, Gernot; NEVELING, Ulrich. **Os fenômenos de interesse para a ciência da informação**. Disponível em: <http://www.cid.unb.br/publico/setores/100/114/materiais/2007/1/Wersig_Neveling.pdf>. Acesso: 21 out. 2010.

WERTHEIM, Jorge. A Sociedade da Informação e seus Desafios. **Ciência da informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000.

WIKIPÉDIA. **O'Reilly Media**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/O'Reilly_Media>. Acesso em: 01 dez. 2010.

ZAGO, Gabriela da Silva. **Dos blogs aos microblogs**: aspectos históricos, formatos e características. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 6., 2008, Niterói. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/zago-gabriela-dos-blogs-aos-microblogs.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

ORIENTANDA: Leyde Klébia R. da Silva

ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Mirian de Albuquerque Aquino



Esta pesquisa faz parte de um trabalho de conclusão de curso - TCC do curso de Biblioteconomia da UFPB e tem como objetivo analisar como o Movimento Negro de João Pessoa - Paraíba se apropria das ferramentas da informação na web e como essas fontes de informação podem ser usadas utilizadas como um canal de disseminação da informação etnicorracial e memória dos grupos pouco visibilizado numa sociedade marcada pelo preconceito, discriminação e racismo.

PARTE I – 1 Dados de Identificação

1.1 Nome: _____

1.2 Profissão: _____

1.3 Escolaridade:

Fundamental Médio Superior Pós Graduação

1.4 Sexo:

Masculino Feminino

1.5 Idade:

18 a 25 26 a 33 34 a 41 42 ou mais

1.6 Cargo e tempo de participação no Movimento Negro da Paraíba:

PARTE II

- 1) O Movimento Negro de João Pessoa faz uso de alguma fonte de informação da web? Se usa, como se dá o processo de apropriação?

- 2) Como integrante do grupo, você usa essa ferramenta como fonte de informação para a apropriação das informações disseminadas pelo MNO-PB? Qual (is)?

- 3) Você acha que as fontes de informação na web facilitam a disseminação das informações? Por quê?
- 4) Você vê a internet como um canal para diminuição das diferenças e barreiras culturais?
- 5) Você enxerga a possibilidade dessas fontes de informação servirem como memória do MNO-PB?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado (a) colaborador (a),

Esta pesquisa intitula-se “*FONTES DE INFORMAÇÃO NA WEB: Uso e apropriação da informação como possibilidade de disseminação e memória do Movimento Negro no Estado da Paraíba*” é a proposta de um trabalho monográfico. Solicitamos a sua colaboração e autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos, bem como publicar em revista/livro científica na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação área. Por ocasião de publicação dos resultados e em todo o processo restante, seu nome será mantido em sigilo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o (a) Senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo (a) pesquisador (a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. A pesquisadora estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecida e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e publicação dos resultados.

Desde já, agradecemos sua colaboração.

Assinatura

ANEXOS

ANEXO A – HOME DO BLOG DO MNOPB²³

The screenshot shows the homepage of a blog titled "MOVIMENTO NEGRO ORGANIZADO DA PARAÍBA". The header includes navigation links: "Compartilhar", "Denunciar abuso", "Próximo blog", "Criar um blog", and "Login". The main content area features a post from "TERÇA-FEIRA, 18 DE MAIO DE 2010" with the title "O OUTRO LADO DA HISTÓRIA: DISPUTA PARA PARTICIPAR DO CEP/IR/PB OU UM GOLPE DE SETOR DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NEGROS DA CAPITAL DA PARAÍBA?". The post text discusses the historical context of racial equality movements in Paraíba, mentioning the CEP/IR/PB and the role of the MNOPB. To the right, there is a "SEGUIDORES" section with a "Seguir" button and a list of 4 followers. Below that is an "ARQUIVO DO BLOG" section with a dropdown menu for the year 2010, showing 12 posts, with sub-sections for June (1) and May (1). The May section highlights the current post. At the bottom right, there is a "QUEM SOU EU" section with the text "MOVIMENTO NEGRO ORGANIZADO DA PARAÍBA" and a brief description of the organization's mission.

²³ Disponível em: <<http://movimentonegroorganizadodaparaiba.blogspot.com/>>. Acesso em: 10 dez. 2010

ANEXO B – HOME DO BLOG DO NENN/UFPB²⁴

NÚCLEO DE ESTUDANTES NEGRAS E NEGROS DA UFPB

SÁBADO, 8 DE MAIO DE 2010

O Núcleo se apresenta:



O Núcleo de Estudantes Negras e Negros da UFPB (NENN/UFPB) lança o seu blog, para ampliar sua capacidade de comunicabilidade, interação e mobilização. Constituímos, desde 2008, um grupo de luta contra o preconceito, o racismo e todas as formas de discriminação. Assumindo uma postura propositiva, lutamos também por uma sociedade que seja educada e orientada a respeitar a pluralidade etnicorracial brasileira.

Ao combinarmos com a lógica anti-racista diferencialista do Movimento Negro no Brasil, procuramos respeitar e valorizar as diferenças que fazem a riqueza de nossa cultura e sociedade, permitindo-nos fincar as bases de nossa atuação num tripé valorativo da experiência civilizatória afro-brasileira, extremamente cara ao nosso ativismo. Somos Afrocentricos, Quilombistas e Negras(os).

Inclusive a nossa identidade visual está associada

SEGUIDORES

Seguir
Google Friend Connect

Seguidores (10)

Já é um membro? [Fazer login](#)

ARQUIVO DO BLOG

▼ 2010 (8)

▼ Maio (8)

O OUTRO LADO DA HISTÓRIA: DISPUTA PARA PARTICIPAR ...

Audiência Pública sobre o Sistema de Cotas na UFPB...

Grupo realiza Semana Pró-Cotas entre 10 e 14 de ma...

Núcleo convoca entidades para fortalecerem a propo...

A implantação das políticas de Ações Afirmativas n...

Ações Afirmativas como Política Pública

²⁴ Disponível em: <<http://nennufpb.blogspot.com/>>. Acesso em: 10 dez. 2010

ANEXO C – HOME DO BLOG DA BAMIDELÊ²⁵

Compartilhar Denunciar abuso Próximo blog» Criar um blog Login

ES NEGRAS NA PARAI

ORGANIZA

No Censo 2010, afirme sua negritude!

SEGUNDA-FEIRA, 6 DE DEZEMBRO DE 2010

Lançamento da campanha "Por uma infância e adolescência sem racismo"

Amanhã será lançada a campanha "Por uma infância sem racismo" realizada pela UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância), em parceria com organizações estatais e não-estatais. O lançamento desta campanha simboliza o início de um grande trabalho, que é a Educação para o Não-racismo. Sabe-se que o racismo não é hereditário, tampouco tem explicações biológicas ou científicas. O racismo é sim, ensinado na sociedade, na escola, até mesmo dentro de casa muitas crianças crescem com a noção equivocada de que existem pessoas "superiores" as outras, o que causa sérias consequências na maneira pela qual esta criança irá crescer dentro da sociedade.

PÁGINAS

- Campanha 2009
- Campanha Censo 2010
- Notícias

VOCÊ JÁ RECEBEU UM RECENSEADOR DO IBGE EM SUA CASA?

SIM	12 (80%)
NÃO	3 (20%)

Votos até o momento: 15
Enquete encerrada

DE

BAM

²⁵ Disponível em: <bamidelenocenso2010.blogspot.com/>. Acesso em: 10 dez. 2010

ANEXO D – HOME DO SITE DO MNOBP²⁶

Movimento Negro da Paraíba
João Pessoa-PB



Nosso E-mail:
movimentonegro.pb@uol.com.br

Órgão de Luta Contra o Preconceito, a Discriminação e o Racismo

- [O que é o MNPB?](#)
- [Políticas Públicas para Negros](#)
- [Políticas de Cotas](#)
- [Poesias](#)
- [Artigos](#)
- [Frases](#)
- [Trabalhos](#)
- [Disque Racismo](#)
- [Parcerias](#)
- [Zumbi](#)
- [Capoeira](#)
- [Contatos](#)
- [Links](#)
- [Equipe](#)
- [Livro de Visitas](#)

Movimento Negro da Paraíba
Av. General Osório, S/N - Teatro Cilaio Ribeiro-Centro
CEP.: 58.010-780-Fone:(0xx83):241-3321
João Pessoa-PB / Brasil



NOSSA HISTÓRIA

Existimos desde 1979. Surgimos da necessidade de lutar em prol dos Direitos do Povo Negro e ajudar a sociedade a acabar com o racismo no Estado da Paraíba.

Nascemos com o nome de **Movimento Negro de João Pessoa - MNJP**, existindo assim por mais de dez anos. O MNJP, enquanto primeiro grupo organizado que lidava com a questão dos negros, gerou diversas outras organizações do nosso Estado (grupos de estudos/pesquisa, grupos de dança, música, religiosidade, formação política, etc.).

Em 1990, ano em que o MNJP findou-se, esses diversos grupos gerados, seguiram atuando sem "direção" até que no ano seguinte criou-se uma "entidade-mãe" para congregar as demais, que se ressentiam de estarem dispersas e/ou cada uma na sua.

As conversas, reuniões e encontros foram acontecendo e somente ao final de 1996 é que resolvemos, de fato, nos sentar e deliberar, oficialmente, a criação desse organismo tão desejado por todos. Dois anos de avaliação foram necessários para que, em 17 de abril de 1999, numa reunião em João Pessoa-PB, fundássemos o atual Movimento Negro da Paraíba (MNPB).

Nossa certeza é que, enquanto entidade agregadora e representativa do Movimento Negro realizado na Paraíba, as questões gerais do interesse do povo negro deverão passar pela nossa militância e atuação.

O QUE É O MOVIMENTO NEGRO DA PARAÍBA?

O MNPB é a união de diversas organizações negras: comunidades descendentes de antigos Quilombos (Caiana dos Crioulos, Zumbi, etc), grupos artísticos (Banda Ylê Odara, Bateria Show da Escola de Samba Malandros do Morro, Grupo de danças Afroprimitivas, Grupos de Hip-hop...), grupos de formação (alfabetização, reflexão, professores, intelectuais negros e outros), grupos de arte marcial (Badauê dos Palmares, Afronagô e outros), entidades de articulação e luta em defesa dos direitos do povo negro (Movimento de João Pessoa e



²⁶ Disponível em: <<http://movimentonegro.pb.vilabol.uol.com.br/frame.htm/>>. Acesso em: 10 dez. 2010

ANEXO E – HOME DO SITE DA BAMIDELÊ²⁷



BAMIDELÊ
Organização de Mulheres Negras na Paraíba

Home | Quem Somos | Educação | Saúde | Notícias | Projetos | Galeria | Parcerias | Contatos

📍 Lançamento da campanha “Por uma infância e adolescência sem racismo”

Amanhã será lançada a campanha “Por uma infância e adolescência sem racismo” realizada pela UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância), em parceria com organizações estatais e não-estatais (incluindo a Bamidelê). O lançamento desta campanha simboliza o início de um grande trabalho, que é a Educação para o Não-racismo. Sabe-se que o racismo não é hereditário, [...]

[>> Saiba mais...](#)

📍 Missão

A BAMIDELÊ é uma organização não-governamental, fundada em 2001 composta especialmente por feministas negras, com o propósito de promover impactos sociais. A Bamidelê tem uma missão que se funde com o seu projeto político de contribuir para a eliminação do racismo e do sexismo, assim como promover debates e ações que fortaleçam a identidade e auto-estima, sobretudo de mulheres negras, culminando na luta pela defesa e efetiva implementação dos Direitos Humanos.

📍 Últimas Notícias

Lançamento da campanha “Por uma infância e adolescência sem racismo”

[>> Saiba mais...](#)

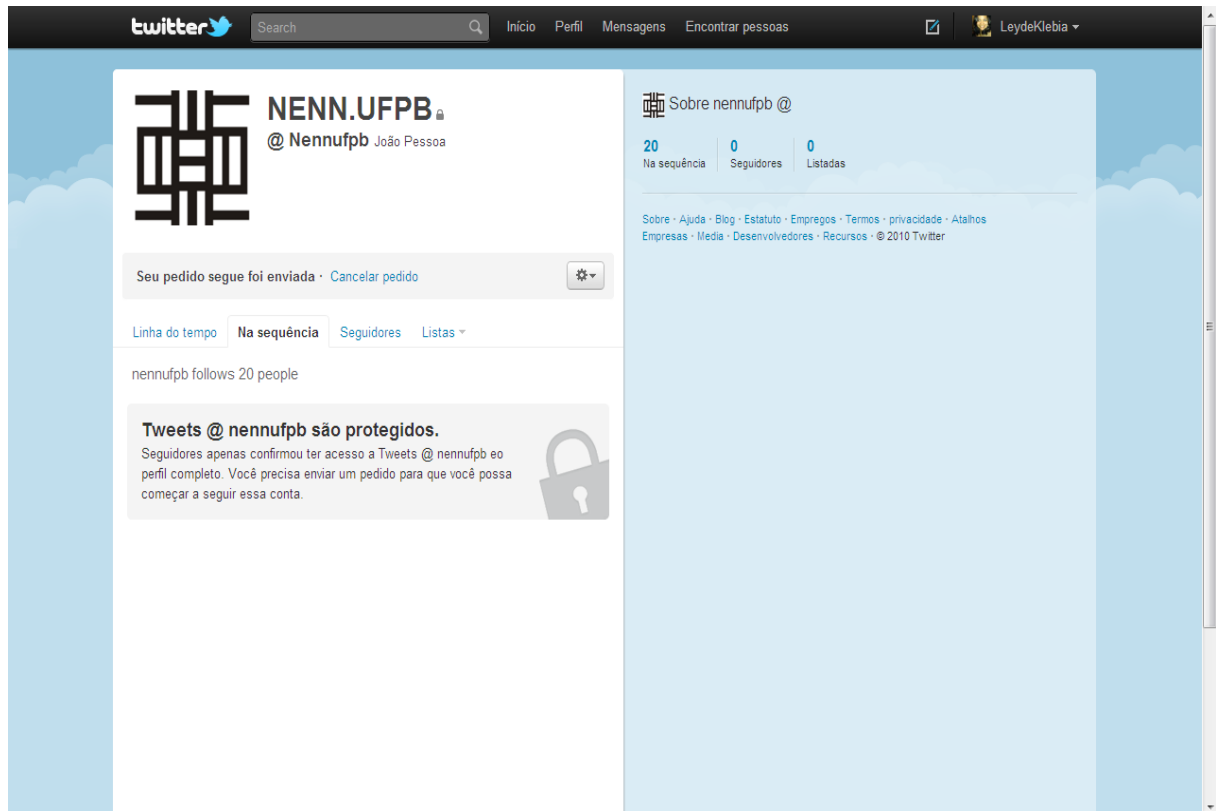
Lançamento do livro “Gestantes Negras: vulnerabilidade, percepções de saúde e tratamento no pré-natal na Grande João Pessoa”

[>> Saiba mais...](#)

No Censo 2010, afirme sua negritude!

NO CENSO 2010, AFIRME SUA NEGRIIDADE: “PARECEU QUE NÃO NEGRO?”

²⁷ Disponível em: <<http://www.bamidele.org.br/>>. Acesso em: 10 dez. 2010

ANEXO F – HOME DO TWITTER DO NENN/UFPB²⁸

²⁸ Disponível em: <<http://twitter.com/nennufpb/>>. Acesso em: 10 dez. 2010

ANEXO G – HOME DO TWITTER DA BAMIDELE²⁹

twitter

Have an account? [Sign in](#)

Get short, timely messages from bamidele.

Twitter is a rich source of instantly updated information. It's easy to stay updated on an incredibly wide variety of topics. Join today and follow [@negrasbamidele](#).

[Sign Up](#)

Get updates via SMS by texting [follow negrasbamidele](#) to your local code. Codes for other countries

BAMIDELE

negrasbamidele

Location Paraíba, Brasil
Web <http://www.bamidele.org>

Bio Contribuir para a superação do racismo e dos sexismo, buscando a equidade de gênero numa perspectiva étnico-racial.

70 following 69 followers 3 listed

Tweets 59

Favoritas

Following

RSS feed of [negrasbamidele's tweets](#)

Quer saber mais ou pesquisar sobre a saúde da população negra? Entre no site <http://bamidelenocenso2010.blogspot.com/>

11:43 AM Nov 28th via web

Lançamento do livro "Gestantes Negras", saiba mais informações em <http://bamidelenocenso2010.blogspot.com/>

5:56 AM Nov 5th via web

MPF lança Nota de Repúdio contra todo/qualquer ato q represente intolerância religiosa/racismo. Ver: <http://www.bamidele.org.br/site?p=395>

11:34 AM Oct 28th via web

Contra todo ato que represente intolerancia religioso/racismo, a Bamidele assina nota de repúdio.

ORGANIZAÇÃO

²⁹ Disponível em: <<http://twitter.com/negrasbamidele/>>. Acesso em: 10 dez. 2010